

ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS

**TEMA: SUBSÍDIOS PARA UM PLANO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO
DA ILHA DO MAIO**

**TRABALHO CIENTÍFICO, APRESENTADO NO ISE PARA OBTENÇÃO DO GRAU
DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA, SOB ORIENTAÇÃO DE DR. JOSÉ MARIA
SEMEDO**

**LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO-2005
DEPARTAMENTO DE GEO-CIÊNCIAS**

O Júri

Praia, _____/_____/2006

Agradecimentos

A realização do presente trabalho só foi possível graças ao apoio de certas pessoas a quem merece os meus agradecimentos.

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela saúde e coragem para enfrentar as dificuldades deparadas ao longo do curso.

Especial agradecimento vai ao meu orientador, **Dr. José Maria Semedo**, pela sua contribuição na efectivação do presente trabalho.

Agradeço também:

- A todos que de uma forma directa ou indirecta ajudaram-me na elaboração deste trabalho.
- Ao **António Emílio Agues** pela sua contribuição ao facultar alguns e importantes dados.
- A todos os professores do Departamento de geociências e a todos os colegas do curso de geografia 2001-2005.

Dedicatória

Dedico este trabalho de forma muito sincera a toda minha família, em especial à minha mãe

Judith Ribeiro e aos meus filhos: **Glória Denise Santos** e **Tiago Santos**.

Introdução

O desenvolvimento local integrado e sustentável está sendo considerado como uma estratégia inovadora, uma via possível para a melhoria da qualidade de vida das populações e para a conquista de modos de vida mais sustentáveis.

A questão de desenvolvimento, vista nos mais diversos aspectos, constitui motivo de preocupação de todos, desde um simples cidadão ou munícipe aos governantes passando pelas associações, ONGs, entre outros.

Hoje, em qualquer discurso, seja de carácter for, tem sempre em destaque a temática de desenvolvimento integrado e ou sustentado. A importância dada ao desenvolvimento é assim grande, uma vez que aborda todos aspectos e nos mais diferentes sectores da vida de uma sociedade, dando a conhecer o nível e a qualidade de vida das populações.

É nesta perspectiva que o trabalho que ora se apresenta tem como tema “**SUBSÍDIOS PARA UM PLANO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DA ILHA DO MAIO**” e constitui para o autor uma tentativa de analisar e dar a conhecer de forma global a real situação da ilha do Maio.

Temos plena consciência da complexidade e subjectividade do tema pela sua abrangência e as dificuldades a enfrentar na sua elaboração:

- Abordagem de todos os aspectos da ilha;
- Dificuldades na obtenção de dados relativos a ilha do Maio;
- Morosidade na sua execução;
- Dificuldade de deslocação na procura de dados.

Não obstante as dificuldades de antemão conhecidas, não deixamos de levar avante o referido tema que passou a ser para nós um desafio, colmatando assim com a sua efectivação algumas brechas anteriormente referidas.

As disparidades de desenvolvimento constatadas entre os diferentes pontos de território nacional, associado ao espírito “regionalista”, constituem, para além dos outros já referenciados, motivos de força na escolha do tema que achamos tão nobre para a presente conjuntura.

Ademais, trabalho similar já tinha sido feito ao longo do curso numa das cadeiras leccionadas, pelo que é de todo pertinente para aplicar os conhecimentos adquiridos anteriormente.

Este trabalho para além de ser um elemento de avaliação de foro académico, poderá servir e ser útil a outras pessoas nos trabalhos de pesquisa e outras informações adicionais. Pois, existe pouca documentação sobre a ilha, e entre os existentes são muitos antigos e pouco abrangente, exceptuando, como é óbvio o censo 2000.

Integrando o grupo de sotavento, a ilha do Maio está localizado na parte oriental do arquipélago de Cabo verde a sul da Boavista e a nordeste de Santiago. Com 269km² de superfície e 6740 habitantes, a ilha do Maio é constituída por um concelho e uma única freguesia que é a freguesia de Nossa Senhora da Luz.

Maio é uma ilha onde a maioria da população vive da agricultura pesca e criação de gado.

O presente trabalho está estruturado em 4 capítulos.

Em cada um deles adoptamos as metodologias que pareceram mais convenientes e mais adequados aos dados e aos objectivos específicos previamente delineados.

- No capítulo **I** comporta o enquadramento teórico, os objectivos do trabalho, a metodologia e problemática de estudo.

- No capítulo **II** cujo título «A ilha do Maio – O quadro natural e a evolução social», abordamos, em primeiro lugar os aspectos naturais relativamente a localização geográfica, geomorfologia, geologia clima, biodiversidade e a paisagem. De seguida falamos da evolução da ilha desde dos primórdios da seu povoamento aos dias de hoje, da população sua distribuição e finalmente das condições actuais com que vivem as populações (educação/instrução, saúde, e o nível de conforto).

- No **III** capítulo intitulado «a ilha do Maio – Actividades económicas e perspectivas de desenvolvimento» analisamos o estágio de desenvolvimento da ilha fazendo uma ponte entre os três (3) momentos da vida do país; as principais actividades económicas suas fragilidades e por fim referenciar os principais sectores ou bases de desenvolvimento da ilha.

- No **IV** sob titulo «Integração do ambiente natural e do património cultural no processo de desenvolvimento» está em destaque o ambiente natural, as necessidades da sua preservação; as manifestações culturais; o turismo e gestão de património natural e cultural; e por último apontamos as principais linhas de força para o desenvolvimento do Maio.

1- Enquadramento teórico

A ideia que se tem hoje de desenvolvimento e desenvolvimento integrado exige, para além da sua incorporação na sociedade, uma atitude de todos os intervenientes com adopção de modelos e posturas adequadas à sua materialização.

A questão de desenvolvimento é relativa no espaço e no tempo, pelo que para além de alguns autores mais antigos dessa questão, debruçaremos o conceito de desenvolvimento na perspectiva do programa das nações para o desenvolvimento (PNUD).

Na verdade, o desenvolvimento é algo de muito complexo que exige a emergência das diferentes entidades e instituições, geograficamente localizados, de um conjunto de acções e interacções que visam introdução de melhorias nas várias formas de produção para sua efectivação.

Facilitado pelos factores de produção como o trabalho, capital, terra e principalmente pela forma como a população encara e aceita esse mesmo desenvolvimento pressupõe um engajamento de todos.

O desenvolvimento, muito mais abrangente e por conseguinte diferente de crescimento que apenas envolve a expansão (populacional, espacial económico) num determinado sector, numa determinada área ou região, é sim, um conjunto de acções e inovações que pela positiva se opera na vida de um país de forma prática e em todas as áreas de forma integrada e global com complementaridade.

Esse desenvolvimento é determinado pelo avanço equilibrado nos seus múltiplos aspectos. Verdade é que o desenvolvimento populacional, espacial e económico por si só não traduz o desenvolvimento de uma ilha. É necessário que ao lado destes haja avanços ou ganhos de forma significativa com mudanças nas estratégias nacionais existentes através de uma política participada, de crescimento económico apropriado, de igualdade de géneros e de Sustentabilidade ou equidade entre gerações. Isto é, atendendo a educação, o nível de escolaridade, a formação/ informação, na saúde e bem-estar das populações, com consciência das suas acções e participações no exercício da cidadania, cultivando e preservando atitudes e valores desejado por todos.

Com este trabalho “**subsídios para um plano de desenvolvimento integrado do Maio**”, pretendemos abordar de forma abrangente todos os sectores concelhios, espreitar e verificar interacção e sustentabilidade entre os mesmos.

A visão de desenvolvimento terá como base para este trabalho a ideia defendida por alguns autores, com especial enfoque para Karl Marx, Engels que adoptaram um modelo de desenvolvimento baseado nas ideias socialistas; M.G. Bradford e W. A. Kent, Adam Smith.

No uso de literaturas mais recentes incidiremos muito nas concepções anteriormente referidas e sustentadas pelo PNUD-organismo especializado da ONU, que concebe o desenvolvimento como um conjunto formado pelo crescimento económico, espacial, populacional e outros, mas com acompanhamento da vertente social no que diz respeito à saúde, educação, instrução e mudanças de atitudes e comportamento perante a sociedade.

Perguntas de partida:

- Quais os principais entraves ao desenvolvimento do concelho do Maio?
- Quais as perspectivas e estratégias de desenvolvimento para ilha?

2-Objectivos

Ciente da necessidade de desenvolvimento da ilha face à conjuntura actual próprio do chamado globalização a que o nosso país procura integrar, e por conseguinte não ficando a ilha de fora, é de tudo interessante trabalhar a questão de desenvolvimento integrado da mesma

É nesta ordem de ideias que pretendemos levar avante este trabalho de pesquisa para qual delineamos os seguintes objectivos:

Objectivos Gerais:

- ❖ Descrever e dar a conhecer a real situação do desenvolvimento da ilha do Maio;
- ❖ Propor estratégias de desenvolvimento para a ilha.

Objectivos específicos:

- ❖ Caracterizar a ilha do Maio nos termos morfológico, geológico, climatológico e ambiental;
- ❖ Explicar a formação da sociedade maiense e o respectivo desenvolvimento;
- ❖ Relacionar o desenvolvimento da ilha com a formação da sociedade (desde da ocupação pelos colonizadores o século XV);
- ❖ Explicar a distribuição da população;
- ❖ Explicar o desigual desenvolvimento da ilha em relação ao país;
- ❖ Identificar os principais pólos de desenvolvimentos da ilha;
- ❖ Comparar o desenvolvimento dos diferentes sectores de actividade;
- ❖ Identificar os sectores chaves de desenvolvimento do Maio;
- ❖ Relacionar o desenvolvimento com infra-estruturas e equipamentos;
- ❖ Avaliar o papel da emigração na economia e aspectos sócio cultural;
- ❖ Analisar a comunicação e transporte intra-ilha e inter-ilhas;
- ❖ Reconhecer o papel do turismo no desenvolvimento da ilha;
- ❖ Identificar modelos e políticas de turismo de acordo com as características da ilha.

3- Metodologia

A questão de desenvolvimento pela sua complexidade e subjectividade, e na tentativa de apresentar os dados com um certo grau de fiabilidade, incidimos sobre aquelas que mais se adequam ao tema e aos objectivos traçados.

Efectivamente, pelo facto do desenvolvimento não se vislumbrar facilmente sob pena de confundir com o crescimento, baseamos muito na comparação e análises de alguns dados estatísticos ao longo dos tempos e em diversos sectores.

Para a execução deste trabalho de monografia bem como todos os trabalhos de carácter científico requer para que possa alcançar os objectivos inicialmente traçados, optamos pelo seguinte:

- Pesquisa bibliográfica a vários documentos que versam o objecto do nosso estudo;
- Observação directa ao local em estudo seguido de entrevista a vários serviços da ilha
- Recolha de dados na sequência de inquéritos aplicados aos actores e sociedade civil;
- Tratamento de dados;
- Redacção provisória do trabalho acompanhado de sucessivas bibliografias;
- Redacção definitiva precedida de revisões e correcções e entrega do documento para a defesa.

3.1- PROBLEMÁTICA DO ESTUDO

Para integrar nas questões consideradas realizou-se um levantamento simples e não exaustivo das potencialidades e debilidades, por um lado dos recursos naturais e por outro lado das suas gentes (recursos humanos) assim como dos equipamentos com objectivo de sistematizar os grandes problemas em questão (quadro I).

A inclusão do quadro seguinte permitirá melhor compreender a real situação da ilha, e adoptar estratégias de desenvolvimento de acordo com as necessidades da mesma e de modo integrado e sustentável.

Quadro I
Potencialidades e debilidades da ilha do Maio.

Potencialidades	Debilidades
<ul style="list-style-type: none"> • Naturais - Inertes (com potencialidades para sua exploração: areia para construção, materiais para produção de cimento cal e gesso. - Praia (potencialidades para o turismo). - Peixe e mariscos para alimentação humana. - Perímetro florestal (para produção de lenha e carvão. - Condição geomorfológica (facilita a comunicação e a acessibilidade. • Equipamentos - Aeródromo (rápida deslocação das pessoas de e para ilha). - Portos (facilita a comunicação deslocação das pessoas e rápido escoamento dos produtos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração ilegal e descontrolada de inertes. - Intrusão salínica. - Degradação ambiental com extinção de certas espécies. Coberto florestal pouco diversificado. Exploração descontrolada para lenha. Extinção de alguns endemismos. - Falta de infra-estrutura rodoviárias dificultando a acessibilidade e circulação. - Inexistência de estruturas sanitárias devidamente equipadas. - Falta de infraestruturais educacionais (liceus, centro de formação profissional, centros culturais, teatro, cinema etc.,)

<ul style="list-style-type: none"> • Humanos - Hospitalidade. - Simpatia sensibilidade. - Gosto entreada (potencialidade de associativismo). - Cultura e tradição (música dança ta banca festas e tradicionais e romarias) - Criatividade nas artes e ofícios (culinária gastronomia artesanato tecelagem/bordados e cerâmica) 	<ul style="list-style-type: none"> • Desemprego - Falta de hábitos de trabalho sistemático; - Alguma negligencia e não apropriação do território. - Falta de formação e informação das populações. - Baixo nível académico das populações. - A aculturação das camadas mais jovens com gosto exacerbado e bizarro. - Excessiva importância. `as superstições
---	--

Com o apoio do quadro acima, são identificados os principais problemas que constituirão como elementos de motivação e linhas de orientação na realização do trabalho preconizado.

3.2- HIPOTESE

Com base nos conhecimentos que temos da ilha, segundo a nossa procedência, atento ao desenvolvimento que ali se opera e no resto do país, julgamos que o verdadeiro desenvolvimento da ilha passa pelo seguinte:

- ❖ . Maior intervenção do estado (poder central) dando mais atenção, para em parceria com o poder local que por seu turno deve ser mais dinâmico, para um desenvolvimento equilibrado da ilha;
- ❖ Exploração e aproveitamento de todas as potencialidades da ilha, tanto humanos como naturais de forma sustentável.

4- Quadro Natural

4.1- Localização geográfica

A ilha do Maio faz parte das dez ilhas do arquipélago de Cabo Verde e é a mais meridional do conjunto das ilhas rasas situadas na parte oriental do país.

A ilha fica situada entre os paralelos $15^{\circ} 07'$ e $15^{\circ} 20'$ de latitude norte e os meridianos $23^{\circ} 05'$ e $23^{\circ} 15'$ de longitude Oeste de Greenwich a sul da Boavista e a nordeste de Santiago, e constitui, juntamente com as ilhas de Santiago, Fogo e Brava, o chamado grupo Sotavento. Tem a forma elíptica, cujo eixo maior se dispõe no sentido Norte-Sul ao longo do meridiano de $23^{\circ} 10'$.

Com uma área 269km^2 , o que representa cerca de 6,8% da área total do território nacional, o comprimento máximo da ilha (na direcção norte – sul) é de 24100m, entre a Ponta Cais, a norte e Jampala, a sul; apresenta uma largura máxima de 16300m entre as pontas, Banconi, a oeste e Flamengos a leste – (BIBIANO, 1932: 146),



Fig. 1 - Mapa das ilhas de Cabo Verde



4.1.1- Geomorfologia

A ilha do Maio apresenta uma génese similar às ilhas do Sal e Boavista, fazendo parte das ilhas consideradas mais antigas do arquipélago com um relevo mais suave e grandes áreas planas salpicadas de cones vulcânicos.

A forma aproximada da ilha é elíptica. O litoral apresenta planuras; não há arribas, a não ser em pequenos troços ao sul da vila e a leste de Ribeira D. João.

Do ponto de vista morfológico e segundo F. COSTA, F. (1996), pode-se distinguir três diferentes unidades, sendo o maciço central é o elemento orográfico dominante.

Os únicos montes existentes distribuem-se na parte central da ilha, entre aldeias de Morro, Pilão Cão e Pedro Vaz. Na parte norte, entre aldeias de Santo António e Cascabulho encontram, mas montes separados por planuras.

Os relevos centrais constituem três ramos que se juntam no Monte Penoso, o mais elevado da ilha, com 436 metros de altitude:

- ❖ Ramo Sul inclui os montes Batalha (294m), Bombagelim (231m), Almagre, Pedregal (222m) e Forte (305m);
- ❖ Ramo Norte faz parte os montes Vermelho, Penoso e Cosmo;
- ❖ Ramo Leste inclui os montes Lomba de Meio, Carqueijo e Branco.

No prolongamento destes ramos existem pequenas elevações alongadas paralelamente à costa que se prolonga até perto da aldeia de Ribeira Dom. João. Por último, no lado norte e, sensivelmente, paralelo à costa, há os montes de S. António, Sombreiro, Chapéu e Água.

A envolver aqueles relevo existem planuras, extraordinariamente regulares, que formam como que um anel. Todavia, a extensão e regularidade é mais marcante no lado norte e ocidental da ilha. Entre os diferentes montes existem também planuras, se bem que a regularidade seja muito inferior à das planuras litorais. Tal facto deve-se às primeiras terem sido originadas pela erosão marinha, não sendo mais do que antigas praias, enquanto que as segundas resultam da erosão fluvial. Umas são planuras de abrasão e sedimentação e as outras de erosão.

As planuras litorais apresentam na zona norte, entre Morrinho e laje branca e ao sul entre Morro e Vila, duas extensas zonas de terrenos salgados:

- a) O solo argiloso está coberto por película de sal, pouco espessa, que, todavia, não permite extracção económica. Dispersas, há dunas fósseis que as chuvas vão desmoronando, espalhando as areias em redor. Nestes terrenos salgados o mar não penetra e por essa razão a película salina é pouco espessa. As únicas águas que aí correm são as das chuvas, que se acumulam nos locais mais baixos durante cerca de dois meses.
- b) Já nos terrenos salgados da zona sudoeste o mar penetra frequentemente, alimentando as únicas salinas da ilha.

Os relevos importantes, com excepção dos montes Carqueijo e Branco, são constituídos por rochas eruptivas provenientes das diferentes actividades vulcânicas antigas que foram, em parte, preservados pelos mantos sub aéreos da última fase lávica. Os relevos a que pertence o monte vermelho não apresentam a cobertura de mantos sub aéreos por ter sido destruída. Todavia, ainda se encontram restos nas encostas daquele monte.

Os montes Carqueijo e branco e respectivos anexos são constituídos por bancadas calcárias compactas de idade mesozóica. As pequenas elevações que se prolongam para sul são constituídas por calcários compactos mesozóicos, antropozóicos e produtos eruptivos.

4.1.2- Geologia

Segundo Alberto da Mota Gomes – geologia e hidrologia do Maio, a ilha apresenta uma formação geológica bastante complexa, tendo em consideração a sua génese.

Ela é constituída de um modo geral por uma parte central magmática, tendo à volta rochas sedimentares que abunda em maior quantidade. A parte central magmática é formada essencialmente por rochas de natureza vulcânica acompanhadas de material piroclásticos (escórias, tufos, lapilli) tendo rochas fonolíticas ocupado pequena área. Em afloramentos isolados podem-se observar rochas holocristalinas das famílias sinclíticas, gabroica e diorítica.

As rochas vulcânicas, de acordo com as coordenadas geológicas (direcção e inclinação) dos mantos basálticos sub aéreo das encostas leste e sul do monte penoso e as da vertente norte do monte de Santo António, levam a admitir que a erupção principal da ilha do Maio devia ter-se dado na área onde actualmente se encontra o monte Penoso e, consequentemente, o vulcanismo teria sido essencialmente do tipo centrado.

Rochas sedimentares

As formações sedimentares ocupam a maior parte da superfície da ilha, constituídas por calcários, calcarenitos, Margas, argilas, conglomerados, dunas entre outros que datam possivelmente do jurássico superior. Os mais antigos – mesozóicos, ocupam pequena área e dispõem-se em duas faixa orientadas na direcção NW-SE.

De entre as formações sedimentares, temos mais bem marcado do lado ocidental e oriental, rochas sedimentares mesozóicos, rochas sedimentares paleogénicas (com especial destaque para os conglomerados de Pedro Vaz), rochas sedimentares neogénicas e rochas sedimentares antropozóicas.

Rochas metamórficas

Estas rochas ocupam uma pequena faixa tendo a maioria resultado da intrusão essexítica sobre os sedimentos mesozóicos (SERRALHEIRO A, 1967). A acção metamórfica dos filões e derrames lávicos deu-se em menor escala e apenas nas rochas calcárias.

SEQUÊNCIA VULCANO – ESTRATIGRÁFICA

Segundo Mota Gomes, Com base nos trabalhos de J. Bacelar Bebiano «A geologia do arquipélago de Cabo Verde – ilha do Maio», de António Serralheiro «a geologia da ilha do Maio», pode-se admitir a seguinte sequência estratigráfica dos conhecimentos geológicos, dos mais recentes (9) para os mais antigos (1).

9- Formações recentes sedimentares

Constituídas por formações terrestres e marinha, tais como salinas (terras salgadas), areias e carvalheiras da praia, aluviões, dunas, depósitos de vertente e de enxurrada, dunas fosseis, níveis de praia.

8- Complexo eruptivo principal do monte penoso (MP)

Constituído essencialmente por manto basáltico sub aéreos e alguns níveis de piroclásticos intercalados.

7- Formação conglomerático-brechoide (CB).

Constituída por elementos angulosos, sub angulosos e arredondados. Formação lávica de fácies terrestre e marinha

Constituída por mantos basálticos sub aéreos e por mantos.

6- Basálticos sub marinhos brechas e piroclásticos também basaltos.

5- Formação de Pedro Vaz

Constituída por conglomerados e arenitos fossilíferos.

4 -Complexo eruptivo interno, antigo (CA)

Pode-se admitir neste complexo as seguintes subunidades.

e carbonatitos (filões)

d- fonolitos e rochas a fins

c- brechas profundas

b- rochas granulares

--rochas sieníticas

-rochas essésiticas

a- complexo filoniano de fácies basáltica

3- Argilas e Margas.

2- Margas e argilas

Calcários compactos com leitos de silexito.

1- Calcário compactos com leitos de silexito.

4.1.3- Clima

A ilha do Maio, assim como as outras do arquipélago, situa-se numa faixa de clima árido e semi árido, de separação entre a zona quente e temperada, que se encontra limitada entre o centro das altas pressões subtropicais do Atlântico Norte e a linha da Convergência Inter tropical onde se verifica a predominância dos ventos alísios. É a oscilação desta que condiciona e favorece a pluviosidade das ilhas.

Segundo A. Castanheiro Diniz, G. Cardoso de Matos, carta de zonagem agro-ecológica e da vegetação de Cabo Verde – III Ilha do Maio, relativamente às duas grandes unidades geomorfológicas definidas, que estão na sequência topográfica que do litoral conduz aos pontos culminantes, tem-se a distribuição climática seguinte:

Quadro II
Zonas climáticas da ilha do Maio

Níveis	Limites Superior de Altitudes (m)	Faixas	Zonas Climáticas
I	100/150	Litorânea sublitorânea	Muito árida
II	250/437	De altitude	Árida

Fonte: carta de zonagem agro-ecológica e da vegetação de Cabo Verde – III Ilha do Maio.

A ilha do Maio tem um relevo muito suave, uma topografia onde predomina as formas aplanadas do relevo e com pequenas elevações e é classificada de ilha rasa ou plana, juntamente com as outras duas ilhas orientais (Sal e Boa Vista). Ora, com essa topografia e com uma pequena superfície (269Km^2), não permite uma diferenciação significativa, e com precisão de microclimas em andares. Efectivamente, se os andares húmidos se resumem a latitudes por volta dos 1500m, a ilha do Maio, praticamente se mergulha no andar árido e semi – árido.

Em relação à aproximação do continente, ela é uma das mais próximas da costa africana. Sendo assim, é perfeitamente influenciada pelos ventos quentes e secos de harmatão em que a inversão térmica torna-se particularmente baixa e muito nítida, fazendo desaparecer rapidamente o tecto de estrato – cúmulos.

Os **ventos** dominantes são os alísios de nordeste encontrando-se distribuídos por todo o ano. A velocidade média anual do vento na ilha do Maio é de cerca de 2,7 km/h. O harmatão é um vento quente e seco que sopra na direcção Este-Oeste proveniente do Sahara, aumentando a aridez na estação seca, sobretudo nas exposições leste da ilha.

As **temperaturas** são bastantes elevadas, não apresentando grande variação ao longo do ano, embora se possa considerar uma ligeira concentração termo – estival que corresponde ao período com possibilidades de ocorrência de chuvas. O número de dias de chuvas, em toda a ilha, é muito reduzido.

O clima é influenciado pelo vento de Este, seco e normalmente quente que aumenta a sua aridez. As temperaturas são relativamente moderadas. As temperaturas médias mensais variam de $21,5^\circ$ (Fevereiro) a 28° (Setembro); A temperatura média anual registada entre 1988 e 1998 foi de $24,5^\circ$. A temperatura média anual foi de $22,5^\circ\text{C}$. As temperaturas elevadas raras vezes ultrapassam os $32,5^\circ\text{C}$.

Distinguem-se duas estações: uma estação seca que vai de Dezembro a Junho e outra húmida entre Agosto e Outubro. Os meses de Julho e Novembro são considerados de transição entre as duas estações.

A **média pluviométrica**, de acordo com dados do INIDA, ronda os 150mm por ano. A partir de dados registados durante dez anos em vários pontos da ilha, constata-se que há zonas onde a precipitação é bastante escassa (leste) e outras com melhores quedas pluviométricas (sudoeste).

4.1.4- Biodiversidade

a) Flora terrestre

A flora da ilha é fundamentalmente constituída por espécies adaptadas à condição de aridez ou extrema aridez (espécies xerófitas e gramíneas) adaptadas à escassez hídrica. Estas espécies encontram-se predominantemente nas terras salgadas de Morrinho, a qual foi proposto pelo projecto PNUD-GEF-CVI/96/G31 – Biodiversidade como área protegida.

Segundo Isildo GOMES, nas cinturas de dunas marítimas, encontra-se predominantemente *Tamarix senegalensis* (Tarafe) e espécies isoladas de *Phoenix atlântica* (Tamareira). Sobre as dunas soltas encontra-se *Swada vermiculata*, *Zygophyllum waterlotii* (Murraça preta), *Calotropis procera* (Bombardeiro), *Cyperus conglomeratus*. Sobre as dunas estabilizadas aparecem, entre outras, *C. Crassipes*, *Cistanche phelipaea* e *Sporobolus spicatus*. Nos vales, geralmente húmidos encontram-se *Cyperus bulbosus*, *Zygophyllum simplex*, *Euphorbia scordifolia* (Matim de leite), *Kickxia* sp. e *Blutaparon vermiculare*. Nas zonas mais secas existe *Frankenia ericifolia* (Palha de engodo) subespécie *ericifólia*.



Fig. 3 – Dunas e Espécies halófitas do Morrinho

Foto: PMDLM

Na zona inundada (salina) encontra-se como espécie dominante de *Arthrocnemum glaucum* e *Sesuvium portulacastrum*. Na transição para a vegetação terrestre encontram-se espécies como *Sporobolus minutus*, *Zygophyllum waterlotti* (Murraça preta) e *Swada vermiculata*. Em zonas menos salgadas encontram-se espécies como *Corchorus depressus* (bangalãozinho), *Crotalaria senegalensis* e *Lótus* (piorno), sendo a última endémica de Cabo Verde.

1 Sendo esta área com vegetação típica e com um aspecto paisagístico muito interessante e considerando a actuação de factores da natureza antrópica (pastagem, reflorestação e turismo descontrolado) foi proposto que esta área seja protegida, recebendo a designação de Monumento Natural, (GOMES, I; 1998, Biodiversidade Terrestre da ilha do Maio).

A noroeste da ilha encontra-se o Monte de Santo António com cerca de 252 m acima da planície árida. Nesta área destacam-se as espécies de *Aristida funiculata* (Palha branca), *Dactyloctenium aegyptium* (Pé de galinha), *Chloris virgata*, *Eragrostis cilianensis*, todas pertencentes à família Poaceae (gramíneas), com importância forrageira e *Nauplius daltonii* (Macelina) subsp. *Vogelii*, espécie endémica de Cabo Verde.

Dado a existência de *Nauplius daltonii* subsp. *Vogelii* nesta área (a única área onde esta espécie existe na ilha), bem como a existência de importantes espécies forrageiras, justifica a protecção desta área, recebendo a designação de Paisagem Protegida.

Evidencia-se que a acção conjugada do clima e do homem aliada ao fenómeno da desertificação tem levado a uma redução substancial da cobertura vegetal.

A situação actual da biodiversidade terrestre da ilha do Maio é apresentada nos quadros seguintes:

Quadro III

Situação actual da biodiversidade vegetal na ilha do Maio

Categoria	Número total de taxa de indígenas (incluindo endémicos)	Número de taxa extinto ou ameaçados	Número total de taxa endémicos	Número total de taxa endémicos ameaçados
Líquenes	16	2	-----	-----
Briófitos (Hepáticas e Antecerotes)	1	-----	-----	-----
Briófitas (Musgos)	1	1 (100%)	-----	-----
Pteridófitos	3*	-----	-----	-----
Angiospérmicas	84	12 (14,3%)	12	6 (50%)

Fontes : Mies (1996) ; Frahn et al. (1996) ; Lobin e Ormonde (1996) ; Gomes et al. (1996)

----: Dados não disponíveis

Quadro IV
Situação actual da biodiversidade animal na ilha do Maio

Categoria	Número total de taxa indígenas (incluindo endémicos)	Número de taxa extinto ou ameaçados	Número total de taxa endémicos	Número total de taxa endémicos ameaçados
Gastropoda extramarinhos de água doce	1	1 (100%)	-----	-----
Gastropoda terrestre de água doce	6	1 (16,7%)	5	1 (20%)
Aracnídeos	27	9 (33,3%)	12	4 (33,3%)
Insectos (gafanhotos)	-----	-----	-----	1
Insectos (Coleópteros)	50	17 (34%)	10	5 (50%)
Répteis terrestres	2	-----	2	-----
Aves	17	3 (17,6%)	2	-----

Fontes: Groh (1996); Schmidt e Geisthardt (1996); Lecoq (1996); Geisthardt (1996); Schleich (1996); Hazevoet (1996)-----: Dados não disponíveis

b) Biodiversidade marinha

Existe na ilha recursos oceânicos estimáveis, pois cerca de 66% da plataforma continental do país se encontra associada às ilhas de do Maio e Boavista (PANA ESTRATEGICO, MAAP 2000). A ilha do Maio faz parte de grupo das ilhas de maior produção de zooplâncton (ovos, larvas de peixes crustáceos).

De entre as principais formas do uso dos recursos oceânicos, destaca-se pela sua importância a pesca, a produção do sal, a produção de água por dessalinização, os transportes marítimos e os desportos náuticos.

Os mares que circundam a ilha encerram grandes potencialidades ambientais, as quais estão longe de serem devidamente explorados.



Fig. 4 – Recursos marinhos (produção de sal)

O sal marinho teve uma grande importância até ao século XIX, porém as salinas perderam importância no decorrer do século XX. As potencialidades cuja valorização se encontra em perspectiva ultrapassam 300.000 toneladas por ano.

Segundo Veiga e Almada (1998), a ilha do Maio é, depois de Boavista, a segunda ilha do país em termos de plataforma continental, abarcando uma importante concentração de várias espécies marinhas, devido às influências directas de águas das correntes das Canárias, ricas em fito plâncton, o que contribui para o enriquecimento da fauna e da flora marinha em torno da ilha.

Nas águas da ilha do Maio encontram-se com muita abundância espécies marinhas, designadamente:

1) Invertebrados:

Lagostas, lulas, polvos e vários animais de concha (gastrópodes);

2) Peixes:

Grandes pelágicos_– Alba cora (Tunísia obus), Gaiado (Katsuwonus pelamis), entre outros.

Pequenos pelágicos_– Cavala preta (Decapterus macarellus), Cavala branca (Decapterus punjais), Chicharro (Salar crumnophthalmus), entre outros.

Demersais: Garoupas, Pargos e Sargos.

3) Ave marinha:



Fig. 5 Aves marinha da ilha do Maio

Foto: CMM

A ilha é visitada com muita frequência por aves marinhas migratórias, mas certas aves marinhas como o guincho habitam a ilha durante todo o ano. Actualmente, só se encontram um número reduzido de casais na ilha (VEIGA E ALMADA, 1998).

4) Tartarugas marinha:

Com grandes extensões de praias de areia, a ilha oferece boas condições para a desova de tartarugas marinha. Essa espécie vê-se ameaçada pelos caçadores para fins diversos, não obstante punições aplicadas com multas e detenções.

4.1.5- PAISAGEM

Paisagem – porção de um espaço perceptível a um observador, aonde se inscreve uma combinação de factos visíveis e invisíveis, e inter relações, que só percebem o resultado global, num determinado espaço e tempo¹

Paisagem: *é o resultado de uma acumulação de tempo. A paisagem é uma forma espacial presente, testemunho de formas passadas que podem ou não persistir.* (SANTOS, Milton).

Tratando-se de um país insular, Cabo Verde encerra uma grande diversidade paisagística entre ilhas e entre diferentes espaços geográficos de uma mesma ilha. Pois, o nosso país pela sua orografia muito diferenciada (ilhas montanhosas e planas) e uma linha da costa bastante recortada justificam essa diversidade paisagística.

A paisagem, é nos dias de hoje, um importante recurso natural que no quadrado de política ambiental deve ser assumida e valorizada pelas entidades, seja ela central ou local, bem como as populações, tirando o máximo proveito sem por em causa a sua sustentabilidade.

A ilha do Maio, pelas suas características a par de Sal e Boavista, apresenta de uma grande diversidade paisagística, constituindo-se uma das maiores potencialidades de desenvolvimento económico da ilha.

Por natureza, a ilha goza de uma beleza paisagística notável no contexto nacional assim como as restantes duas ilhas planas de sal e Boavista, que faz atrair à ilha muitos visitantes. De entre as potencialidades paisagísticos podemos destacar:

¹ TRICARD, Jean – Como ensinar como aprender o turismo

- ❖ O clima que prevalece na ilha e em Cabo verde ao longo do ano, funcionando como atractivo turístico;
- ❖ A orografia da ilha muito plana que facilita a deslocação;
- ❖ As particularidades geológicas. Pois é a ilha mais antiga do arquipélago e da Macaronésia devido ao afloramento de rochas da era secundária.
- ❖ A orla costeira constituída na sua maioria por praias de areia branca que ali faz chegar muitos turistas para práticas de turismo balneares (sol e praia).
- ❖ As planuras litorais constituídas por extensas áreas salgadas a norte e outra a sul onde. Na última encontramos caso das salinas que ocupam uma área de 5 km de comprimento e uma de largura de 1,5km;
- ❖ O perímetro florestal da Calheta com modificação positiva na paisagem para da protecção do solo;
- ❖ A disposição e pinturas das casas, principalmente das localidades do Barreiro e Figueiras;
- ❖ Os montes Penoso, Branco e Santo António
- ❖ As reservas naturais de lagoa cimidor e de casas velhas;
- ❖ Os fortes e as construções antigas (sobrados) na vila de porto inglês.

4.2- O POVOAMENTO, A POPULAÇÃO E A EVOLUÇÃO SOCIAL

4.2.1- Povoamento

Povoamento é a forma como o homem se organiza no espaço e a utiliza e ou a destruição da população num determinado espaço.

A ilha do Maio é uma das dez ilhas do arquipélago de Cabo verde e das primeiras a serem descobertas em 1460 e povoadas após Santiago e fogo. O genovês António da Noli e o português Diogo Gomes acharam as ilhas mais a Sul (Santiago, Fogo) e a oriente (Boavista Maio e Sal) no quadro da expansão marítima portuguesa. Segundo o padre Agostinho Vieira, os portugueses terão desembarcado numa praia a norte da ilha, que passou a ser denominada de Praia Gonçalo, presumivelmente por ter sido o cavaleiro da casa do infante D. Henrique, Gonçalo Ferreira, o primeiro a colocar pés em terra firme. Corria o primeiro de mês de Maio, tendo a ilha chamado, então, de Dellas Mayaes²

A ocupação da ilha começou muito cedo, duas três dezenas de anos (1490) ainda numa fase muito precária sem continuidade, em que os Donatários de Santiago aí mandavam lançar gado e escravos, estes com o cargo de vigiar o gado à solta, e posteriormente de cultivar algodão.

A ilha pertenceu ao donatário da capitania de Alcatrazes (Santiago) Diogo Afonso e passou, por sua morte, ao seu sobrinho Rodrigo Afonso que a recebera por carta régia de 14 de Janeiro de 1485.

Por volta de 1646, começou-se a formar a povoação de penoso que erigiu na freguesia de nossa Senhora da Luz, no tempo do Bispo D. Francisco Lourenço Garro.

Devido a esterilidade da ilha para a produção de mantimentos, a população foi crescendo muito lentamente, ao ponto de, em 1718, as poucas dezenas de habitantes encontravam-se todos num único local chamado de casas velhas, donde fugiam aos corsários que, constantemente, visitavam o porto. Dois anos mais tarde, contavam-se apenas 100 habitantes em toda ilha, quase todos pastores e escravos dos proprietários de Santiago. Nos finais do Século XVIII, a população concentrava-se toda na povoação do penoso sopé do monte do mesmo nome onde havia uma igreja paroquial coberta de palha, um padre e um coadjutor.

No ano de 1969 contava com um modesta população de 3635 habitantes (**quadro V**).

² CARREIRA, António – Ilha do Maio – Alguns aspectos sociais e Demográficos: separata nº 18 da revista do centro de estudos demográficos

Quadro V
População por zonas no ano de 1969

Povoados	Nº de fogos	População de residência habitual		
		V	F	V + F
Morro	54	129	133	262
Calheta	123	306	325	631
Morrinho	47	112	118	230
Cascabulho	21	52	48	100
Santo António	6	21	10	31
Praia Gonçalo	15	39	35	74
Pedro Vaz	48	102	128	230
Alcatraz	26	47	62	109
Pilão Cão	16	47	40	87
Figueiras	63	131	126	257
R.D.J.	22	76	67	143
Barreiro	66	163	179	342
Vila do Maio	204	549	590	1139

Fonte: Separata nº18 da Revista do centro de estudos demográficos – ilha do Maio-1969

Ao contrário do que se verifica nas restantes ilhas do país, e ou concelhos, na ilha do Maio o seu povoamento é concentrado ou agrupado com característica típicas dos centros urbanos tanto no alinhamento de ruas e casas, como na concentração de serviços básicos nos centros das principais aldeias.

4.2.2- POPULAÇÃO

1) Distribuição da população pelos povoados

A ilha do Maio, segundo o último Recenseamento Geral da População e Habitação de 2000, tinha uma população residente de 6740 (quadro VI) habitantes que cobre uma área de 269km² resultando numa densidade populacional de 25hab/km².

Com uma população muito reduzida correspondente a 1.6% da população total de Cabo Verde, ocupa a penúltima posição entre as ilhas povoadas; também é muito baixa a sua densidade populacional comparativamente com a média nacional que é de 107.8hab/km².

Quadro VI
Distribuição da população no ano de 2000

Zonas ou lugares	População		Total
	Feminino	Masculino	
Morro	142	154	296
Calheta	559	548	1107
Morrinho	252	229	481
Cascabulho	122	107	229
Santo António	17	9	26
Praia Gonçalves	30	34	64
Pedro Vaz	119	109	228
Alcatraz	111	94	205
Pilão Cão	49	34	83
Figueiras	280	253	533
Ribeira D. João	118	88	206
Barreiro	340	278	618
Vila	1 451	1 213	2 664
Total	3 590	3 150	6 740

Fonte: INE – 2000

A população maiense encontra-se destruída por 13 zonas, que distam em média 4.5Km, sendo a vila do Maio o único centro urbano com um total de 2664 habitantes.

O centro urbano (Vila do Porto Inglês), pouco difere das zonas rurais na forma da ocupação do espaço uma vez que no Maio rural a população se encontra agrupada de forma a facilitar o acesso aos serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e energia. Com os seus 2664 habitantes a residir no centro urbano, 1213 são do sexo masculino e 1451 são do sexo feminino.

A população rural ronda os 4076 habitantes correspondendo a 60.4% da sua população, sendo 1937 homens e 2139 mulheres.

A nível interno a distribuição da população é heterogénea como se pode constatar no mapa da figura 2 e no quadro VI.

O quadro da distribuição da população dão-nos conta que, de uma forma geral são sempre de pequena concentração, sendo os maiores centros da Vila e Calheta, ainda que chegam a milhares de habitantes, são em número pouco expressivos ou seja 2664 e 1107 respectivamente.

Os demais povoados são de fraca concentração populacional com valores compreendidos entre 618 e 26 para as localidades do Barreiro e de Santo António respectivamente.

Por um lado, a fraca concentração populacional é o resultado do movimento migratório provocado pela escassez de água e consequente abandono dos campos para se fixar nos centros urbanos; por outro, justifica-se pela melhoria das condições de vida de algumas pessoas que na sequência da emigração internacional (Holanda) não quiseram ali continuar procurando melhores condições de saúde e educação para os filhos. Efectivamente os quadros comparativos **V** e **VI** vêm a confirmar o êxodo rural verificado na zona do Penoso (Santo António, Praia Gonçalo e Pedro Vaz) cuja população diminuiu de 31; 74; 230, para 26; 64; 228 indivíduos respectivamente, num espaço de 30 anos.

Uma outra localidade, a do Morro, apesar da sua proximidade do único centro urbano, viu a sua população a crescer mas a um ritmo muito lento, com uma diferença de apenas 32 indivíduos. Nas restantes localidades há registo de um crescimento considerável, a ponto de duplicar, como é caso de Morrinho e Cascabulho; e nos quatros maiores centros populacionais (Vila, Calheta, Barreiro e Figueiras) a escassos números da sua duplicação.

2) Estrutura da população e dinâmica da população

A Pirâmide etária é uma forma de representação gráfica da população por sexo e por idade que permite conhecer como se compõe a população de uma determinada região no que se refere aos totais de homens e de mulheres, os números de jovens, adultos que a constitui.

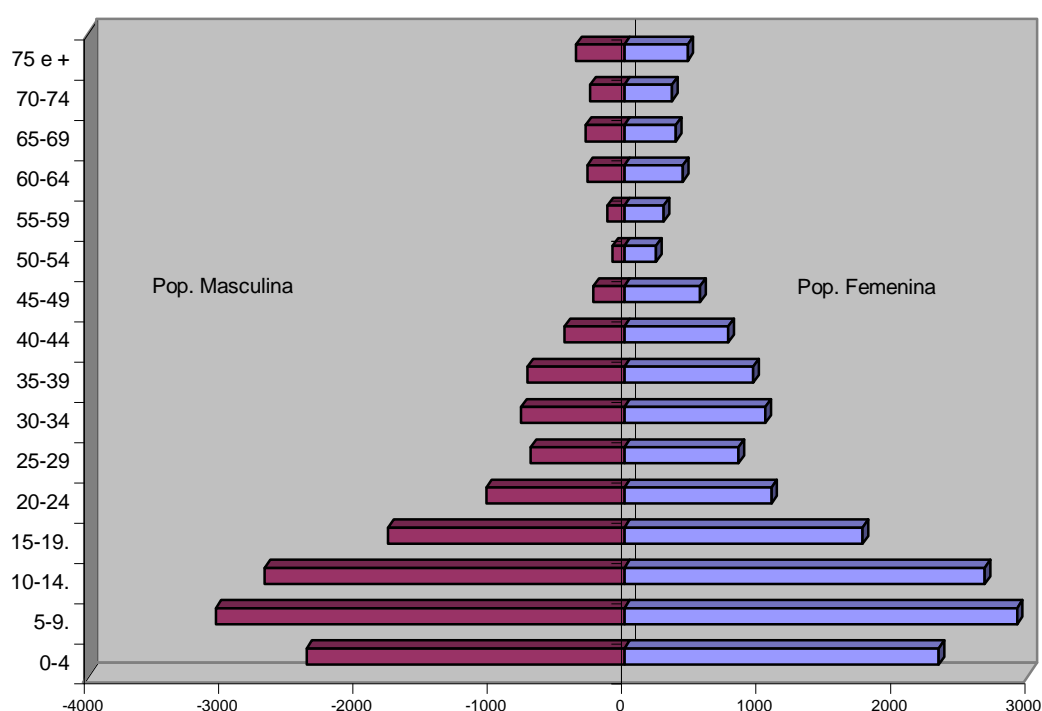


fig 5 - Pirâmide Etária da População do Maio
fonte: INE, Censo2000

Como se pode concluir, da análise da pirâmide da ilha do Maio estamos face a uma população jovem em que mais de 50% tem menos de 25 anos; pois a base da pirâmide é larga dado a alta natalidade e o topo é estreito devido a reduzida esperança média de vida.

A taxa etária entre 0-4 anos é menor que a faixa imediatamente superior o que significa que nos últimos cinco anos ou seja de 1995 a 2000 provavelmente houve uma maior adesão ao uso dos anticoncepcionais diminuindo assim a taxa bruta de natalidade.

Como se pode ver o grupo etário [50-59] anos é mais reduzido que a faixa 60-70. Isto deve-se ao facto de na década de 40 ter sido de muitas perdas humanas, consequência da crise (fome e mortalidade) que reduziu drasticamente o crescimento populacional da ilha.

A população com idade compreendida entre 10 e 65 anos, considerada população em idade activa pela Direcção Geral de Estatística, atinge 65,7% do total o que significa que a maioria da população está em idade de trabalhar.

Os velhos são em números reduzidos representado 6,5% da população. A pirâmide etária de Maio em 2000 é portanto típica de países em desenvolvimento em que o crescimento demográfico é rápida e a esperança média de vida é baixa.

Quanto aos sexos, como uma diferença, ainda que mínima dos efectivos populacionais, segundo reza o censo 2000, 3590 são do sexo feminino para 3150 homens, o que corresponde, portanto, a 53% e 47% respectivamente, e um índice de masculinidade (mulheres por 100 homens) é de 114.

A esta superioridade numérica das mulheres em relação aos homens, justifica-se não só pelos fenómenos de natureza biológica e outros de cariz social, mas muito particularmente pelo fenómeno migratório. Verdade é que mais de 75% das saídas do concelho quer para estrangeiros, quer para as ilhas, verifica-se no seio da população masculina. A semelhança do resto do país conta a ilha, também, com uma população essencialmente jovem com 4170 indivíduos o equivalente a 62% na faixa etária compreendida entre os 0 – 24 anos.

A faixa etária com maior prevalência é a dos 5 – 9 anos com 1030 indivíduos de ambos sexos equitativamente distribuídos; enquanto que o grupo dos 50 – 54 anos tem menor representatividade, apenas 91 indivíduos sendo na sua maioria mulheres em 64 anos, resultante das crises com é a de «Fomi 47».

População residente triplicou de 1940 a 2000, passando de 2.237 para 6.740 habitantes. O tamanho médio das famílias estima-se em 4.1 elementos. Nas últimas décadas (80 e 90) constatou-se um incremento da população na ordem dos 2%, resultante essencialmente, da imigração de trabalhadores de Santiago para execução de projectos integrados financiados pela Cooperação Alemã e Italiana.

A população tende a crescer sistematicamente a uma taxa relativamente constante de 3% entre os anos 1990 e 2025 como se pode ver no quadro da evolução e projecção demográfica.

Quadro VII
Evolução e projecção demográfica até 2025

1980	Taxa (%)	1990	Taxa (%)	2000	Taxa (%)	2010	Taxa (%)	2020	Taxa (%)	2025
4098	2	4969	3,1	6740	3	9058	3	12173	3	14112

Fonte: CENSO 2000, RGPH

4.2.3- Evolução Social

Inicialmente formada por escravos procedentes de Santiago, em particular de Pedra Badejo, a ilha ficou limitada a escassos brancos (meia dúzia) e aqueles escravos utilizados na vigia do gado confecção de chacinhas, cultivo de algodão que chegou a influir no conjunto das ilhas, e mais tarde na organização das salinas e apanha de sal. Esta actividade tem arrastado para ilha muita gente de Boa vista e S. Nicolau.

Os efeitos de uma sociedade classicista fizeram sentir-se fortemente na ilha em que a cor da pele era o mais importante índice social distintivo dos senhores brancos e donos absolutos. Apesar de uma representação insignificante a tendência é para uma ampla mulatização das gentes devido a miscigenação de brancos com pretos.

Ainda em 1861, cinco anos depois de recenseamento geral dos escravos (1856), o número de libertos recenseados era de 92; o número total de escravos é de 406.

Os escravos estavam distribuídos por toda ilha, sendo a maioria situava-se no Porto Inglês com 281; figueiras, com 33; Calheta, com 30; Ribeira D. João com 21; e depois 20 espalhados por Morrinho, cascabulho, S. António, Pedro Vaz, Alcatraz e Barreiro.

À semelhança das restantes ilhas do arquipélago é habituado ouvir dizer que as gentes de cabo verde permanecem integradas no seio da igreja católica. De facto assim é. A maioria esmagadora da população é católica, professando um catolicismo impregnado de um antigo paganismo, ou seja aquelas superstições por influências da terra firme da Guiné que tinha lançado as suas raízes na ilha de Santiago e consequentemente no Maio, não somente na gente negra, mas também de muita branca. Um outro aspecto importante característico da ilha era haver um grande número de feiticeiros e adivinhadores chamados **jabacouces**³.

Com o tempo, dado a uma maior consciência dos preceitos religiosos, mercê da evolução sofrida através de gerações, e de um mais esclarecido espírito crítico aliado à instrução geral das populações fez com que verificasse algumas mudanças nas práticas religiosas. Assim em 1967 a posição das populações era a seguinte:

Catolicismo, 3510 (94,7%); protestante, 95 (2,8%) sendo 43 homens e 49 mulheres na vila e 3 mulheres em Figueira seca; 79 não declarada. Estes últimos são os que se estavam numa fase de hesitação: querem quebrar as ligações com o catolicismo, e ainda não ingressam ao protestantismo.

Nota-se nesta altura uma plena liberdade de culto em toda a ilha.

³ CARREIRA; António, A ilha do Maio – Demografia problemas sociais e económicos – separata nº 19 pag 44

Actualmente, como desde sempre, a igreja tem um papel fundamental numa sociedade. Desde sempre ela vem moldando os jovens e a sociedade em geral, com as suas doutrinas, dogmas e crenças.

No Maio, uma maioria esmagadora de fiéis são católicos (cerca de 85%).

A Paróquia de Nossa Senhora da Luz funciona com 1 Padre e quatro Irmãs de caridades que juntamente com os restantes membros da igreja prestam serviços religiosos à comunidade católica maiense.

A igreja Nazarena surge como segunda força religiosa na ilha. Com uma comunidade exclusivamente na Vila vem prestando um serviço meritório principalmente com os jovens.

Entretanto, várias outras religiões vêm marcando presença na ilha, pregando as suas profecias no seio da comunidade maiense. Destaca-se a igreja Nova Apostólica que vem ganhando terreno no seio da nossa comunidade, com cultos semanais a vários pontos da ilha. Especial destaque também vão para os Testemunhos de Jeová e Adventistas do 7º Dia que também possuem comunidades bem concentradas na Vila, prestando serviços com pessoas de varias faixas etárias.

Nos outros campos da vida social, poucos avanços se verificou na ilha. Na esfera educacional aconteceu, no período pós – independência, um alargamento de escolas por alguns povoados e criação do ciclo preparatório, aumentando o nível de instrução ao ensino básico. Os estudos liceais ficaram reservados aos que tinham melhores condições financeiras.

Um aspecto importante da ilha que importa aqui referir, é a segurança que prevalece por toda a ilha. Caracterizada como ilha de paz, tranquilidade e de raros desvios sociais.

A emigração para a Europa iniciada nos anos de 60, deixa marcas indeléveis na ilha, quer económica como moralmente no seio dos seus habitantes.

É para nós de tudo conveniente fazer um quadro da actual situação da ilha, para comparativamente subtrair alguns avanços adquiridos em termos sociais. A nossa atenção incidirá sobre abastecimento de água, saneamento, energia, evacuação de escreta, evacuação de águas residuais, a saúde, a educação e formação profissional, do emprego, da juventude, da pobreza da emigração etc.

1) Abastecimento de Água

O concelho do Maio necessita de aproximadamente 626m³/dia de água potável para abastecer toda a sua população. No entanto, neste momento só consegue produzir cerca de 496m³/dia, o que significa um défice aproximado de 130m³/dia de água.

Existe, porém capacidade de produção que consiga satisfazer as necessidades da ilha. O problema prende-se com a energia eléctrica que não consegue responder às exigências das unidades de dessalinização, falta de vento para accionar as bombas eólicas, avarias frequentes e irregular serviços de manutenção dos sistemas. Estes constrangimentos fazem com que esse líquido tão precioso se escasseie na ilha.

O sistema de abastecimento compreende fontes de produção de energia (furos e centrais de tratamento de água), reservatórios de extremidade das estações elevatórias e reservatórios de percurso, chafarizes públicos e redes de distribuição.

Neste momento, todos os povoados encontram-se ligados à rede pública de abastecimento com excepção da Figueira Seca e, grande parte das habitações está servida de água canalizada. Destacam-se, neste particular, as povoações de Ribeira D. João, Santo António e Praia Gonçalo que possuem ligações domiciliárias a 100%.

Quadro VIII
Taxa de ligação domiciliária por zona

Zona	Taxa de Ligação
Vila	756 Ligações
Morro	78 Ligações
Calheta	191 Ligações
Morrinho	58 Ligações
Cascabulho	16 Ligações
Pedro Vaz	59 Ligações
Santo António	9 Ligações
Praia Gonçalo	22 Ligações
Pilão Cão	33 Ligações
Alcatraz	43 Ligações
Figueira Horta	115 Ligações
Figueira Seca	-----
Ribeira D. João	58 Ligações
Barreiro	151 Ligações

FONTE: SAAS

Existe na ilha duas centrais dessalinizadora. Uma na vila, construída em 1999 e a outra em Pedro Vaz, zona norte, que entrou em funcionamento em 2001.

A unidade da vila tem a capacidade de produção de cerca de 300m³/dia. A produção actual é de 140m³ /dia devido aos problemas relacionados com a energia eléctrica. Essa unidade para além de abastecer a vila também fornece água à população do Barreiro.

A unidade de Pedro Vaz tem a capacidade diária de produção de cerca de 50m³ e a produção actual ronda os 10m³/dia também pelas mesmas razões. Esta unidade somente abastece essa zona. As restantes localidades são abastecidas através de água subterrânea

Quadro IX
Meios de Produção e Distribuição de água

Zona	Meios de Produção	Distribuição	Nº de Chafarizes
Vila	Unidade de Produção (Dessalinizadora)	Rede Pública / Chafarizes	4
Morro	Água Subterrânea (Painel Solar)	Rede Pública / Chafariz	1
Calheta	Água Subterrânea (Sistema Eléctrico)	Rede Pública / Chafarizes	2
Morrinho	Água Subterrânea (Sistema Eléctrico)	Rede Pública / Chafariz	1
Cascabulho	Água Subterrânea (Sistema Eléctrico)	Rede Pública / Chafariz	1
Pedro Vaz	Unidade de Produção (Dessalinizadora)	Rede Pública / Chafariz	1
Santo António	Água Subterrânea (Painel Solar)	Rede Pública / Chafariz	1
Praia Gonçalo	Água Subterrânea (Painel Solar)	Rede Pública / Chafariz	1
Pilão Cão	Água Subterrânea (Painel Solar)	Rede Pública / Chafariz	1
Alcatraz	Água Subterrânea (Painel Solar)	Rede Pública / Chafariz	1
Figueira Horta	Água Subterrânea (Painel Solar)	Rede Pública	-----
Figueira Seca	Água Subterrânea (Sistema Eléctrico)	Autotanque	1
Ribeira D. João	Água Subterrânea (Sistema Eléctrico)	Rede Pública / Chafariz	1
Barreiro	Unidade de Produção (Dessalinizadora)	Rede Pública / Chafarizes	2

Fonte: P M D L M

Não obstante a existência de ligação domiciliária em todos os povoados, praticamente ainda todas as zonas recorrem aos chafarizes para se abastecerem.

Com excepção da Figueira Horta todos os povoados possuem essa infra-estrutura de distribuição de água.

A salinidade de água está compreendida entre 600 a 1700mS/L que ultrapassa um pouco a percentagem recomendada pela OMS (máximo de 1500). É na localidade de Alcatraz onde a salinidade atinge o seu valor máximo na ilha (1700ms/l).

Não existe laboratório de controlo de qualidade de água. No entanto, fazem medição da salinidade e, tratamento através da adição controlada de cloro à água. Salienta-se que todas as localidades possuem reservatórios, destacando-se a Vila com quatro sendo um de água do mar de 300 toneladas e os restantes para água produzida. É de referir também o reservatório central do Monte Vermelho também de 300 toneladas que faz a distribuição de água para os reservatórios da Calheta, Morrinho e Cascabulho.

2) Saneamento

Segundo as informações dos serviços camarários, os problemas de combate ao lixo e eliminação das águas residuais, ainda continuam a ser um problema no concelho, não obstante as diligências levadas cabo nos últimos anos.

Até o ano 2002, o sistema de recolha dos resíduos sólidos (RS) realizado pela câmara municipal do Maio (CMM) contemplava a zona da vila do Maio, tendo sido alargado à generalidade das localidades no ano 2003.

O método de recolha do lixo actualmente praticado na CMM é o de porta a porta, com a frequência de três vezes por semana e abrange a maioria das localidades do município, exceptuando os povoados de Pedro Vaz, Santo António, Praia Gonçalo, Alcatraz e Pilão Cão, por motivos de falta de rede viária de acesso.

O sistema de recolha porta a porta foi introduzido após a experiência efectuada com a disposição em contentores colocados em pontos estratégicos, que não resultou devido a actos de vandalismo, roubos e rejeição de fezes em contentores, realizados pela população, factores que obrigaram à colocação destes recipientes apenas nas casas comerciais, serviços, restaurantes, hotéis e nas pequenas unidades industriais.

No que respeita à recolha em função do fluxo de resíduos, neste município efectua-se a recolha em separado dos Resíduos Urbanos (RU) e os Resíduos de Grande Porte (RGP),

constituídos geralmente por electrodomésticos avariados, mobiliário, equipamento informático, entre outros, por meio de uma viatura de caixa aberta, uma vez por semana.

A recolha dos óleos usados não é abrangida pelo sistema municipal de recolha de resíduos. Esses são recolhidos pela Shell que os encaminham para São Vicente.

Ainda no que respeita aos tipos de resíduos, referem-se as substâncias perigosas (como pesticidas e outras) que existiam no município e foram recolhidas pela delegação do Ministério do Ambiente, Agricultura e Pescas (MAAP), no âmbito de um projecto financiado pelo governo holandês para a recolha das substâncias químicas perigosas existentes no país e seu envio para a Alemanha para a respectiva incineração.

No que concerne a quantidade de resíduos recolhidos por dia, estima-se o valor de 10 m³/dia. De uma forma geral a qualidade do serviço é considerada mais ou menos satisfatória na maioria das localidades. Estima-se que a população servida pelo sistema municipal de recolha de RS é de cerca de 87%.

3) Energia

Toda a população do Maio beneficia da energia eléctrica. Existe na vila a central única que fornece energia eléctrica 24h/dia não só neste centro mas também para as zonas situadas a W-N (Morro, Calheta e Morrinho) e zonas a Sul da ilha – Barreiro, Figueira Horta, Figueira Seca e Ribeira D. João. A central única cobre cerca de 80 % do fornecimento ao concelho. As restantes zonas são asseguradas com quatro micros centrais da inteira responsabilidade da câmara municipal:

- Micro Central de Cascabulho com um potencial de 25cav fornece energia apenas a essa zona;
- Micro central de Santo António cuja potência de gerador é de 15cav fornece energia a mesma zona e também à localidade de Praia Gonçalo;
- Micro Central de Pedro Vaz com o potencial de 60cav abastece apenas essa zona;
- Micro Central de Alcatraz que possui uma potência de 60cav abastece também a zona de Pilão Cão.

Neste momento está em curso o projecto da central única para a zona norte da ilha em que se vai substituindo as três micro centrais existentes (Santo António, Pedro Vaz e Alcatraz) garantindo maior qualidade e quantidade no fornecimento de energia à essa região, porquanto irão funcionar um grupo com uma potência de 200cavalos. O projecto é financiado pela câmara municipal.

Constrangimentos:

- Não funcionamento do grupo em paralelo o que origina cortes e apagões frequentes;
- Rede obsoleto em alguns bairros;
- Fraca potência dos geradores da central única.

4) Evacuação de excreta

Em matéria de evacuação de excreta, apenas 54,4% da população urbana possui casa de banho incluindo retrete, sendo no espaço rural a taxa de cobertura inferior, situando-se à volta de 36%. A população desprovida de retrete ou latrina é expressiva, o que signifique grande parte da população faz ainda a evacuação de excreta ao ar livre, com todos os efeitos nefastos para o ambiente, a saúde pública e a qualidade de vida (quadro X).

Quadro X

Agregados familiares segundo a existência de casas de banho e retrete

	Casa de banho e retrete				
	Casa de banho com retrete	Casa de banho sem retrete	Retrete/latrina	S/W.C. S/retrete S/latrina	NR
Meio urbano					
Total dos Agregados					
691	376	66	2	239	8
(%)	54,4	9,5	0,3	34,2	1,5
Meio rural					
Total dos agregados					
923	336	201	-	383	3
(%)	36,4	21,7	-	41,5	0,32

Fonte: CENSO 2000, RGPH, INE

5) Evacuação de águas residuais

O número de agregados que procede ao lançamento das águas residuais ao redor da casa ou directamente na natureza é elevado, quer seja no espaço rural como urbano. Apenas 34,3%

da população urbana fazem a evacuação das águas usadas em fossas sépticas. No espaço rural a respectiva taxa é de 17,4%.

Esses dados revelam o estado de saneamento do Município na matéria, exigindo intervenções de fundo para inverter a situação, tendo em conta os impactos altamente negativos para o ambiente (quadro a XI).

Quadro XI

Agregados familiares segundo o modo de evacuação de águas residuais

	Modo de evacuação de águas residuais					
	Fossa Séptica	Rede de Esgoto	Redor da casa	Natureza	Outro	NR
Meio urbano						
Total dos Agregados						
691	273	-	106	302	3	7
(%)	34,3	-	15,3	43,7	0,43	1
Meio rural						
Total dos agregados						
923	161	-	173	572	15	2
(%)	17,4	-	18,7	62	1,6	0,2

Fonte: CENSO 2000, RGPH, INE

6) Saúde

A nível da saúde a ilha do Maio dispõe actualmente das seguintes infra-estruturas:

Um centro de saúde situada na Vila; três Unidades Sanitárias de Base (USB) situadas nas localidades de Barreiro, Figueira Horta e Morrinho; 2 Postos Sanitários, um na localidade de Calheta e o outro em Pedro Vaz.

No centro de saúde da Vila existem dois médicos, sete enfermeiros, um técnico de laboratório, um auxiliar de farmácia, três agentes sanitários e dois auxiliares.

Esse espaço físico contém 2 consultórios médicos, um laboratório, uma enfermaria para crianças com 3 camas, uma enfermaria para mulheres com 6 camas, uma enfermaria para homens com 3 camas, serviços de urgência, PMI-PF que funciona com dois técnicos auxiliares, serviço de Raio X e um posto de venda de medicamentos.

No posto sanitário da Calheta existe de igual modo um enfermeiro, um agente sanitário e um auxiliar de limpeza.

As três USB que existem no Concelho estão sob a responsabilidade dos agentes sanitários locais.

Existem ainda na ilha dois postos de vendas de medicamentos de carácter privado. De realçar que existe duas ambulâncias que fazem cobertura por toda a ilha.

As doenças infecto-contagiosas não são alarmantes no concelho, contudo há que destacar a tuberculose que ataca uma pequena franja na povoação de Morrinho e Calheta. Para controlo e acompanhamento dessa situação a delegacia de saúde do Maio faz visita domiciliária periódica às famílias afectadas.

A taxa bruta de mortalidade no concelho é de 4/1000 sendo a principal causa da morte a velhice e a morte domiciliária (causa desconhecida).

A percentagem da mortalidade infantil (0 – 4 anos) nos últimos 5 anos é de 9,3/1000.

Actualmente, o concelho tem 5 seropositivos identificados pelas autoridades competentes sendo 2 do sexo masculino e 3 do sexo feminino. Nos últimos 2 anos, foram registados 2 óbitos por HIV-SIDA no concelho.

A principal dificuldade enfrentada no concelho na área de Saúde é sem dúvida a falta de um espaço físico condigno para o verdadeiro funcionamento do centro de saúde. O espaço onde funciona actualmente é exíguo e não responde às actuais demandas e crescimento da ilha. A secretaria não tem as mínimas condições de funcionamento administrativo, a sala de curativo precisa de melhoramento, o atendimento materno-infantil também funciona com algumas limitações.

É de realçar também a falta de um programa de Saúde reprodutiva sobretudo no meio rural, que constitui uma das causas do aumento de número de filhos por mulher originando a má nutrição e a proliferação de mais bolsas de pobreza, principalmente na localidade de Calheta.

A insustentabilidade do sector faz com que os pobres não têm acesso a medicamento em quantidade desejada o que tem como consequência a propagação nas zonas pobres de algumas doenças contagiosas.

Principais constrangimentos na prestação de saúde

- Falta de um novo centro de saúde na Vila;
- Falta de equipamentos para as unidades sanitárias de base;
- Inexistência de equipamentos para eco grafias;
- Inexistência de equipamentos de pequena cirurgia.

7) Educação/instrução

«Em Cabo verde, a educação constitui, nesses últimos anos um dos eixos estratégicos de desenvolvimento, tendo em vista a qualificação dos recursos humanos adequados aos desafios do desenvolvimento da sociedade»⁴

No caso particular do Maio, apesar de ter ficado durante muito tempo restringido ao ensino básico, a população escolar aumentou ao longo dos últimos anos com implementação do ensino secundário no ano lectivo 1995/96, e por iniciativa da câmara municipal.

Quadro XII
Nível de instrução

Ano	Nível de instrução								
	Total	Sem nível	Pré-escolar	Alfab.	E.B.I.	Secundário	Médio	Superior	Não responde
	6080	706	369	399	3569	969	13	19	36

Fonte: INE.

Na ilha do Maio 15,2% da população não possui instrução primária, mas em contrapartida existe uma das maiores taxas do país de indivíduos que completam o ensino básico – 64,6%. Esse valor diminui consideravelmente a nível do ensino secundário – 19,4% e drasticamente a nível do ensino superior -0,8%.

Esta situação está intimamente ligada à estruturação e funcionamento do sistema educativo na ilha que actualmente abrange apenas a educação pré-escolar, o ensino básico integrado, o ensino secundário e a alfabetização de adultos.

È de enaltecer aqui o papel da câmara municipal em dinamizar e impulsionar o ensino técnico-profissional que vem sendo ministrado, ainda que de forma tímida mas com resultados satisfatórios

⁴ Ministério das Finanças e planeamento – Direcção Geral do plano – Política Nacional da população de Cabo verde 2004 -2015

A ilha dispõe de uma rede de jardins infantis em todas as localidades exceptuando Praia Gonçalo e Santo António porque o número de crianças existentes nessas aldeias não justifica a abertura de jardins. São proprietários desses jardins a Câmara Municipal, a OMCV e a paróquia de Nossa Senhora da Luz.

Os jardins da câmara municipal estão espalhados por varias localidades da ilha sob a gestão da OMCV com o apoio pedagógico do ministério da educação.

Existe um total de 446 crianças matriculadas nos dois níveis em todo o concelho. Os jardins da câmara municipal e OMCV funcionam com 14 monitoras enquanto que o da paróquia situada na Vila trabalha com duas monitoras. De ressaltar que nenhuma das monitoras possui a formação específica (educadores de infância) e nem tão pouco habilitações literárias.

Praticamente todas as crianças com idade entre os 4 e 6 anos frequentam o jardim infantil e todos são contemplados, diariamente com uma refeição quente financiada pelo ICASE/PAM.

Entretanto, esse nível ainda depara com vários constrangimentos:

- Monitoras sem formação;
- Monitoras com baixo nível de escolaridades;
- Carência de materiais didáctico – pedagógicos;
- Carência de equipamentos escolares infantis;
- Remuneração baixa das monitoras.

a) Ensino Básico Integrado

O ensino básico abrange toda a ilha e todas as crianças em idade escolar o frequentam. Encontra-se dividido em três fases:

Iª Fase – de 1ª a 2ª classe ministrada em todas as localidades.

IIª Fase – de 3ª a 4ª classe

IIIª Fase de 5ª a 6ª Classe que se encontra repartida em 4 pólos educativos sedeados na Vila, Calheta, Pedro Vaz e Barreiro.

Neste ano lectivo (2004/2005) estão matriculados 1284 alunos sendo 654 do sexo masculino e 630 do sexo feminino sob a responsabilidade de 54 professores dos quais 16 possuem a 1ª fase de formação em exercício dos professores do ensino básico, 5 possuem a 2ª fase e 19 são diplomados do Instituto Pedagógico. Existem 30 salas de aulas das quais 28 são do estado e duas são alugadas nas zonas de Morrinho e Figueira Horta.

Em todas as escolas os alunos são servidos refeições quentes financiadas pelo PAM. As escolas de Alcatraz, Pilão Cão, Praia Gonçalo, Morro, Ribeira D. João e a escola Shell não possuem casas de banho.

De salientar que nenhuma das escolas do EBI possuem lugares de lazer, de práticas desportivas, recreativas e culturais.

Existe uma equipa de coordenadores constituídos por 6 elementos, 1 para o pré-escolar, 1 para a alfabetização de adultos e 4 para o EBI que fazem acompanhamento e seguimento dos professores no terreno e também apoiam os gestores na organização e gestão escolar.

Do total, 56 alunos que frequentam o ensino básico é órfão, sendo 30 do sexo masculino e 26 do sexo feminino com maior incidência na Vila e nos povoados de Calheta e Morrinho.

Constrangimentos

- Elevado número de professores sem formação;
- Grande mobilidade de professores dentro da ilha;
- Inexistência de Biblioteca nos pólos;
- Falta de materiais didácticos;
- As escolas não possuem sanitários;
- Muitas escolas não possuem espaços para cozinha;
- As escolas não estão ligadas à rede pública de abastecimento de água;
- Falta de espaços de lazer e actividades desportivas;
- Alguns pólos funcionam em infra-estruturas inadequadas.

b) Ensino Secundário

O Ensino Secundário vem sendo ministrado na ilha desde o ano lectivo 1995/1996. Iniciou-se timidamente sob a gestão municipal com um estatuto de Cooperativa de Ensino Privado em que os pais e encarregados de educação participavam com uma quantia de 1500\$00 mensais.

Este estatuto demorou apenas 2 anos pois em Abril de 1997 a escola entrou na rede pública e passou-se a ser oficial.

No 1º ano da sua existência funcionou-se com dois níveis de ensino: 1º e 2º ano do CG com um total de 175 alunos repartidos em 6 turmas sendo 4 do 1º CG e dois do 2º CG.

Funcionou no antigo edifício do EBC (Ensino Básico Complementar) que contemplava 4 salas de aulas, uma biblioteca, um refeitório e serviços administrativos.

No ano lectivo 2004/2005 estiveram matriculados 645 alunos sendo 331 do sexo feminino e 314 do sexo masculino, repartidos nos 4 níveis de ensino que compõem os dois primeiros ciclos:

- 7º Ano 213 alunos
- 8º Ano 189 alunos
- 9º Ano 143 alunos
- 10º Ano 100 alunos

Ainda funcionou o ensino pós laboral com os dois primeiros ciclos do ensino secundário e com a introdução de duas áreas do 3º ciclo – CT e económico e social.

O número de matriculados por níveis de ensino no regime pós laboral é o seguinte:

- 7º Ano – 30 alunos
- 8º Ano – 47 alunos
- 9º Ano – 39 alunos
- 10º Ano – 47 alunos
- 11º Ano – 46 alunos, sendo 12 na área de Ciência e Tecnologia e 34 na área Económico e Social

O corpo docente é formado por 29 professores sendo 13 com formação específica, 11 possuem outras formações e 5 não possuem quaisquer formação.

Actualmente, ainda o ensino secundário vem sendo ministrado no antigo edifício do E.B.C. mas foi construído mais um bloco de quatro salas perfazendo um total de 8 salas de aulas para um total de 16 turmas.

A escola não tem laboratório e nem oficinas para as disciplinas de ciências e tecnologias e nem das artes.

c) Alfabetização

Existe 13 círculos de cultura na ilha, funcionando 2 na Iª fase, 3 na IIª fase, 4 na IIIª fase e, mais 4 círculos compostos (Iª, IIª fases) em que 2 acabaram por extinguir. Portanto, chegaram ao fim do ano lectivo 2004/2005 apenas com 11 círculos, orientados por 17 animadores.

Os círculos de cultura existem em todas as zonas com excepção do Morro. Os círculos são frequentados por jovens e adultos num total de 88 efectivos, sendo 19 do sexo masculino e 69 do sexo feminino, distribuídos pelos três ciclos.

d) Formação Profissional

Tomando em consideração que na ilha as maiores oportunidades de emprego surgem no sector da construção e na prestação de serviços turísticos – hotelaria e restauração em geral, a câmara municipal tem desde Novembro de 2004, cursos de qualificação profissional, articulados com a formação académica no ensino pós laboral, destinados a 80 jovens.

Estes cursos são: **Cerâmica, Tecelagem e Tingidura, Culinária, Electricidade, Pedreiro, Canalizador e Mecânica auto**. Os cursos visam a aquisição de conhecimentos, competências e aptidões necessários para o exercício de uma profissão, para além de fomentar a criatividade, a inovação e o espírito de iniciativa e da capacidade de relacionamento.

O Currículo formativo foi estruturado em módulos, que abrem a possibilidade do formando após a sua formação inicial básica, acrescentar ou variar a sua própria carreira profissional de acordo com as demandas do mercado de emprego.

As práticas na área de construção civil (Pedreiro, Canalizador e Electricidade) são feitas principalmente, no âmbito das construções de moradias sociais para carenciados o que junta a essa formação uma componente de acção social.

Para realizar as diferentes actividades na área de Educação/Formação a câmara municipal tem contado com valiosas contribuições de diferentes parceiros internacionais, entre os quais, a parceria estabelecida desde 1993 com a cooperação Suíça, através de associação “Cabo Verde – Genebra”. O instituto “Marquês de Valle Flor”, a câmara de Loures e a União Europeia também são parceiros que ajudaram na abertura e o funcionamento dos cursos de formação profissional iniciados em Novembro de 2004.

8) Emprego

Uma parcela significativa da população encontra-se em situação de desemprego. Em 1996, ano particular de crise, a taxa de desemprego na ilha atingiu os 40% da população, mas hoje, ela situa-se à volta dos 21%.

Em conformidade com os dados do CENSO 2000, a população activa empregada e desempregada reparte-se por diferentes sectores de actividade como demonstra o quadro a seguir:

Quadro XIII

População Empregada e Desempregada por sexo e sector de actividade

	População empregada				População desempregada			
	Fem.	(%)	Masc.	(%)	Fem.	(%)	Masc.	(%)
Quadros superiores	7	0,60	11	0,90	-	-	2	1,8
Especialistas /intelectuais	60	5,19	47	3,90	2	1,17	-	-
Técnicos	44	3,80	31	2,60	2	1,17	2	1,8
Pessoal administrativo	21	1,80	29	2,40	3	1,7	3	1,7
Vendedores	156	13,50	78	6,50	16	9,4	2	1,8
Agricultores e pescadores	256	22,1	212	17,7	7	4,1	6	3,5
Operários	76	6,6	299	25	16	9,4	39	34,8
Trabalhadores de montagem	2	0,17	71	5,9	-	-	12	10,7
Trabalhadores não qualificados	518	44,80	378	31,6	111	65,2	42	37,7
Não definido	15	1,3	38	3,1	13	7,6	4	3,5
Total	1.155	100	1.194	100	170	100	112	100

Fonte: CENSO 2000

No universo de 2631 activos, 2349 (89%) activos, encontra-se empregada, correspondendo a população activa desempregada cerca de 11 % (282 activos).

O desemprego atinge particularmente os operários e os trabalhadores não qualificados. Entre os últimos, a população feminina é a mais afectada.

O desemprego é devido essencialmente ao fraco nível cultural e de escolaridade, à falta de infra-estruturas viradas para a formação profissional e de oportunidades socio-económicas.

9) Juventude

A juventude é uma camada muito vulnerável, muito inconformista que vive um período de relacionamento social intenso, pois anda sempre à procura de interesses novos que por vezes ultrapassam o quadro da família. É aí que eles vão viver sentimentos como a de amizade, camaradagem, cooperação e amor, mas também é nesse ambiente que, naturalmente aparecem os conflitos, os vícios, enfim os problemas sociais.

Assim, chega o momento de decisão, da afirmação ou da tentativa de afirmação. É esta a fase mais difícil da juventude. Por isso, há que erguer estruturas sólidas, e transversais que protegem os jovens de certas influências para que elas (as influências) não tornam rotineiras

há que cultivar alternativas que permitem aos jovens o equilíbrio; que possibilitam gerir as emoções, partilhar valores, despertam o gosto para a cultura, para o desporto, para a arte, para a ciência; aumentar o seu espírito crítico e o sentido de responsabilidade na adopção das suas próprias posições.

É imbuído desse espírito e dessa visão que a CMM criou em 1998 a “Casa da Juventude”, com uma sala de estudos, salão de jogos e com um centro Multimédia ligado à rede de Internet. E, com a electrificação rural, foi alargada para o interior mais quatro Centros Multimédia ligados à rede nas localidades de Calheta, Barreiro, Morrinho e Figueira Horta.

Com excepção de Ribeira D. João, existem em todos os povoados da ilha Polivalentes ou placas desportivas para a prática do desporto e Educação física.

Para os jovens maienses, também já foi inaugurado o Centro de Formação Profissional que está a funcionar com vários cursos, proporcionando-os a possibilidade de terem uma profissão e inserir no mercado de trabalho. Aos alunos do interior da ilha são assegurado um autocarro que garanta o percurso casa-escola e, vice-versa.

De realçar também a política da CMM na atribuição de bolsas de estudos aos jovens maienses para o ensino superior como também para o ensino técnico – profissional.

Actualmente, existem mais de uma centena de jovens a frequentar o ensino superior (dentro e fora do país) e também mais de uma centena se encontra matriculado no ensino técnico – profissional, com especial destaque para cerca de 80 que estão a frequentar o curso localmente.

Outrossim, a CMM vem apoiando os jovens agricultores no micro – irrigação gota-gota. Os jovens casais são apoiados na construção das casas, com doação de lotes e materiais de construção.

Entretanto, surgem naturalmente problemas cíclicos próprios dessa camada nomeadamente o desemprego, o alcoolismo e a prostituição.

O problema do desemprego tem como causa não só a baixa habilitação académica e profissional como também ao fraco desenvolvimento do tecido empresarial, do turismo e do sector industrial. A falta de ocupação dos jovens, aliados ao fraco investimento também no domínio da agricultura, pesca e infra-estruturas de lazer levam os jovens a caminhos perversos e indesejáveis que pode comprometer seriamente o futuro.

Entretanto, a ilha tem estado a crescer e os postos de trabalhos têm estado a aumentar.

Neste particular, a construção civil merece um especial destaque porquanto cresceu muito nesses últimos anos aumentando significativamente a mão-de-obra.

Outrossim, uma boa parte dos jovens maienses encontram-se a trabalhar nas oficinas de arte (mecânica e carpintaria), nas mercearias, restaurantes, hotelarias, bares, lojas, entre outros.

Muito ainda falta fazer para reverter a actual situação de muitos jovens que andam no desemprego e sem perspectivas após o término do 12º ano e os de baixo nível académico e sem formação.

10) Emigração

Cabo Verde é considerado um país de emigração. Desde muito cedo os “Homens da Terra” procuraram esse caminho como forma de “Vencer” a vida. Com poucos recursos e assolados por secas e vagas de fome os Cabo-verdianos começaram a partir para países estrangeiros à procura do sustento da família e de uma vida melhor. Começou primeiro para Estados Unidos de América, com a pesca da baleia e depois para África, nas roças de S. Tomé. Só mais tarde (início dos anos 60) que iniciou-se a emigração para a Europa com a gritante falta de mão-de-obra sentida no velho continente.

Todos os Cabo-verdianos ambicionaram, na altura, essa aventura e, naturalmente os maienses não fugiram à regra.

Os emigrantes, maioritariamente definiram como destino a **Holanda**, mais precisamente a cidade de **Roterdão**. Cidade portuária onde facilmente encontravam o trabalho como marinheiro, tanto nos barcos holandeses como nos barcos de “bandeira fora”. Ao norte da Holanda na cidade de **Delfzil**, também se encontra uma comunidade alargada de emigrantes maienses por ser também uma cidade portuária. Com efeito, essa emigração era essencialmente masculina.

Poucas são as mulheres que, na altura saíram para fora do país. Ficavam para chefiar a família e participar directamente na educação dos filhos. Todavia, com nova política social e económica implementada pelo governo holandês que incentiva o reagrupamento familiar, as mulheres começaram também a emigrar.

Com o mero objectivo de reter cada vez mais a sua moeda e, aumentar o número de habitantes. O governo holandês acabou por atingir o seu objectivo. Várias famílias foram reagrupadas, mesmo alguns emigrantes que fizeram resistências acabaram por ceder tanto à pressão holandesa como a própria vaidade das famílias.

Sem por em causa o aspecto positivo do reagrupamento familiar este facto vem contribuindo para o enfraquecimento da ilha. As remessas dos emigrantes começaram a baixar drasticamente nos meados dos anos 90, fruto dessa política.

Sendo Maio uma ilha com alguns recursos, subvalorizados e sub explorados, a maior fatia do PIB provem da remessa que tende a baixar dia após dia.

Entretanto, existem pequenas comunidades de emigrante maienses em Portugal, Luxemburgo e E.UA.

O desenvolvimento da ilha está intimamente ligado à emigração. Visivelmente a taxa de retorno é pouco expressiva. Além das lojas, mini mercado, bares, tabernas, pequenas carrinhas de aluguer o investimento, a grosso modo não é o desejável. Talvez por falta de informação, ou pelo medo do risco do negócio ou também por não ter a confiança desejada no próprio desenvolvimento da ilha. Todavia, houve um investimento na educação dos seus filhos que, graças à emigração, todos ou quase todos os quadros superiores do concelho estão directa ou indirectamente ligada a esse sector.

Através de associações, grupos de cidadãos ou individuais eles vêm apoiando a CMM no sector da saúde, educação e desporto. Também têm prestado importantes apoios às instituições religiosas nomeadamente à igreja católica e nazarena não só financeiramente como também nas obras de reabilitação e também na pintura das mesmas.

Os emigrantes maienses mantêm com os familiares e amigos, uma relação de grande fraternidade e inter ajuda principalmente no apoio económico-financeiro e, mesmo na construção das casas.

Há que realçar também aqui, a velha tradição que sempre esteve na agenda de todos os nossos emigrantes que na viagem de regresso, para o gozo das suas férias: trazem na bagagem sempre, os chamados “presentes” para oferecer amigos e familiares.

11) Pobreza

«Nível de vida material inaceitavelmente baixo quer em relação ao nível dos outros na sociedade, quer com base num mínimo absoluto»⁵

«A pobreza envolve muito mais do que as restrições imposta pela falta de rendimentos. Também acarreta falta de capacidades básicas para levarem uma vida plena e criativa». A ilha

⁵ Relatório do Desenvolvimento Humano – 2003, objectivos de Desenvolvimento do Milénio – Um pacto entre as nações para eliminar a pobreza

do Maio, pelas condições naturais já referidas e pela reduzida taxa de investimento, não é de estranhar o alto índice de pobreza ali reinante.

A falta de chuva e as consequências a ela inerentes fazem com que muita gente abandonasse o campo procurando trabalho nos centros urbanos, onde vão auferir um salário muito baixo pelo facto de serem trabalhadores sem qualificação e com baixo nível académico. A interpretação da figura abaixo dá-nos uma ideia clara do nível de pobreza na ilha.

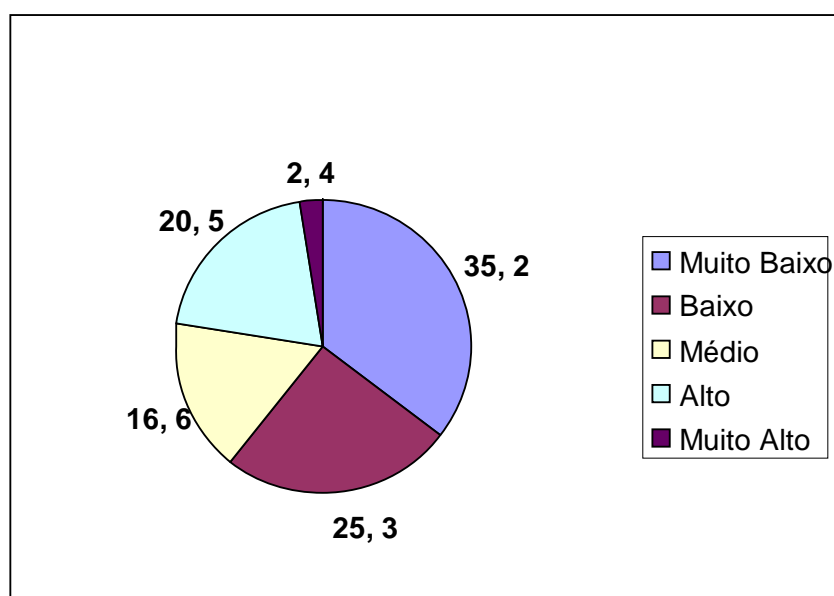


Fig.6 Nível do conforto das famílias

Fonte: INE – 2000

A elevada percentagem dos agregados a viver num nível de pobreza: muito baixo (35.2) e baixo (25.3), para 16,6% num nível médio, 20.5% num patamar alto e somente 2.4% muito alto são provas mais do que evidente de precariedade e pobreza que principalmente as mães chefes de família.

As condições de alojamento, mais concretamente o espaço físico disponível influenciam o desenvolvimento pessoal e determinam o interesse pelo estudo e por outras actividades que promove o desenvolvimento equilibrado da personalidade. O congestionamento familiar está identificado como promotor da promiscuidade favorecendo a actividade sexual e a gravidez precoce. Ela (gravidez precoce) tem sido considerada como ponto de partida para o ciclo vicioso da mulher chefe de família pobre, com os seus males como o abandono escolar, o baixo nível de instrução e formação, dificuldade de encontrar emprego, e a situação de vulnerabilidade e pobreza.

5.1 Actividades Económica

Apesar das suas potencialidades reais, o desenvolvimento económico do concelho do Maio dentro do espaço nacional não é ainda o desejável, devido ao facto do sector produtivo ser pouco expressivo, os recursos naturais não são suficientemente explorados por falta de Infra-estruturas e técnicas modernas e a persistência da seca leva com que a economia se baseasse fundamentalmente ainda no sector primário.

A maior parte da população da ilha dedica-se à agricultura, pesca artesanal e pecuária. Hoje, nota-se um pouco por toda a ilha, a proliferação de pequenos negócios, tanto ambulante como retalhista.

1) Agricultura

De entre as ilhas planas do arquipélago de Cabo Verde, Maio é a ilha que possui maiores potencialidades agrícolas, devido às condições climáticas menos áridas e a solos com maior vocação agrícola.

Pratica-se a agricultura em regime de sequeiro e de regadio, sendo este último o mais expressivo e importante. Cerca de 625 pessoas vivem da actividade agrícola, repartidos por 85 unidades familiares.

A maioria dos chefes de exploração é do sexo masculino particularmente nas explorações de regadio. As mulheres que se dedicam à agricultura como chefes de exploração, a maioria fazem-na em regime de sequeiro.

A área vocacionada para a agricultura no Maio é de cerca de 1000ha sendo nos 5 (cinco) anos a taxa de ocupação ronda os 250-300ha. Actualmente a área ocupada é de 200ha. Essa tendência de redução verifica-se sobretudo na agricultura de sequeiro por causa da diminuição das precipitações nos últimos anos.

a) Agricultura de Sequeiro

Trata-se de uma tradição secular que se baseia essencialmente na consorciação do milho e feijão bongolom completadas por outras culturas como abóbora, melão e melancia. Esta prática está intimamente ligada à queda das chuvas.

É praticada nas encostas dos montes Batalha e Forte, nos declives suaves e a altitudes que oscilam entre 100 e os 300 metros.

Nas aldeias de Calheta, Morrinho e Cascabulho, a agricultura de sequeiro é praticada nas chamadas “horta-casa”, aonde nos anos de “Boa chuva” conseguem excedentes, principalmente do milho e do feijão bongolom.

O verdadeiro entrave deste sector é, sem dúvida, as exíguas precipitações, aumento de animais vadios e à solta que invadem as culturas criando, muitas vezes, conflitos entre agricultores e criadores da ilha, e pela invasão de gafanhotos.

b) Agricultura de Regadio

A agricultura de regadio no Maio constitui um sector tradicional muito importante está em vias de modernização, representado por pequenos agricultores, cooperativas agrícolas e Associação dos Agricultores e Criadores do Maio.

Esta actividade é praticada, principalmente nas ribeiras de Figueira Horta, Figueira Seca, Flamengo no Monte Vermelho, Laje Branca.

O desenvolvimento das culturas experimenta dificuldades ligados à falta de água, à sua má distribuição geográfica e a sua salinidade bastante elevada.

A água destinada para a agricultura de regadio é proveniente dos poços e dos furos.

A agricultura de regadio vem ganhando terreno no concelho nos últimos anos. Isto deve-se sobretudo à falta de ocupação por parte dos jovens e também por falta de alternativa daquelas que não têm um emprego fixo, a viragem da mentalidade dos jovens maienses em acreditar cada vez mais nas potencialidades que a ilha tem nesse sector e, criar o seu próprio emprego e porque a emigração já não surge como a única forma de “salvação” do seu futuro.

Há um “tomar de consciência” de forma quase generalizada por parte dos jovens maienses que a emigração para o estrangeiro já não é solução.

As principais culturas exploradas são a cebola, batata-doce, batata comum, mandioca, cana-de-açúcar e, algumas espécies hortícolas, nomeadamente o repolho, o tomate, a alface, o pepino, couve, cenoura, o pimentão, entre outros.

A cana-de-açúcar é uma cultura praticada um pouco por todas as regiões da ilha mas, sobretudo na Figueira Horta. Tem uma grande importância económica, pois é o único produto de exploração agrícola que é transformado na pequena indústria.

A área ocupada pela agricultura de regadio ronda os 50ha, distribuídos por cerca de 120 agricultores.

O sistema de rega predominante é a rega por alagamento. No entanto, a ilha foi contemplada com o projecto “Massificação da micro – irrigação” componente gota a gota em que houve uma adesão forte por parte dos agricultores.

Actualmente, não só as ribeiras com maior expressão a nível da ilha estão cobertas com micro – irrigação gota-gota como também várias outras zonas estão abrangidas com essa técnica moderna de rega.

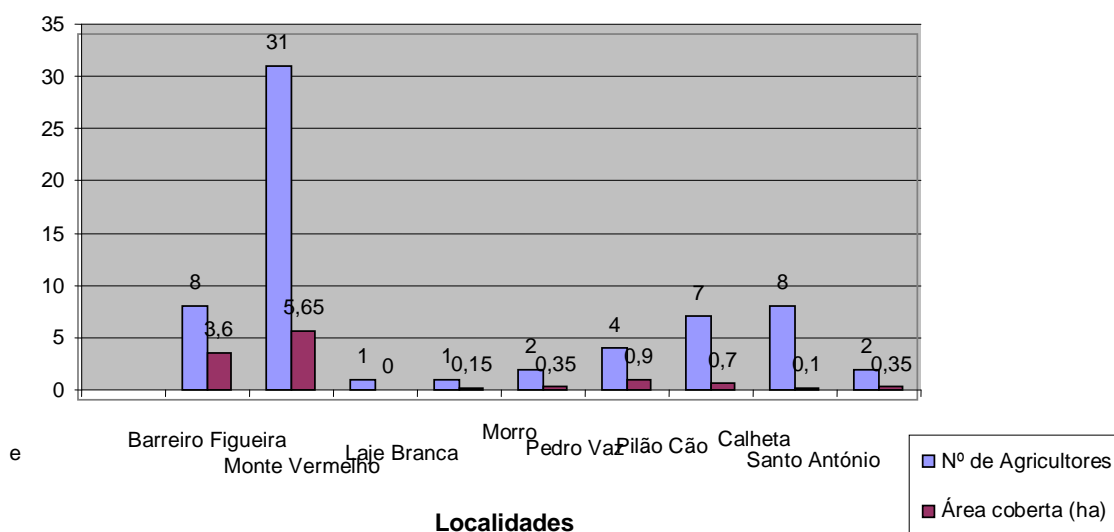


Fig. 7 Área coberta com gota-gota em 2004

Hoje pode-se dizer, com firmeza que a produção agrícola na ilha não obstante à escassez da chuva, consegue satisfazer em grande parte as necessidades da ilha, tendo em conta a quantidade de produtos que são exportados para a cidade da Praia e outras ilhas.

2) Pecuária

A criação de gado é a actividade económica mais remota na ilha. Pois, é praticada desde a sua ocupação, com a qual produziam peles de cabras, carne seca e salgada, conhecida por “**Chacina**”. A chacina constituía a base da alimentação dos maienses, pois era feita com o prato tradicional – a **Cachupa**.

Com excepção de alguns vales onde se pratica a agricultura de regadio, Maio é um campo de pastagem onde o gado caprino se evidencia. O pastoreio livre pratica-se em quase toda a ilha.

Segundo o recenseamento agrícola de 1988, das 696 unidades de exploração agrícola familiar, 78% das mesmas dedicam à criação de Suínos, 71% caprinos, 39% equídeos, 24% bovinos e 1% ovinos. Dados do censo pecuário 1994/1995 apontam para a existência de 1068 unidades familiar de exploração pecuária, sendo 566 dirigidas por mulheres (53%) e 502 dirigidas por homens (47%).

No que se refere ao efectivo pecuário, destacam-se os caprinos, as aves, principalmente as galinhas e os suínos.

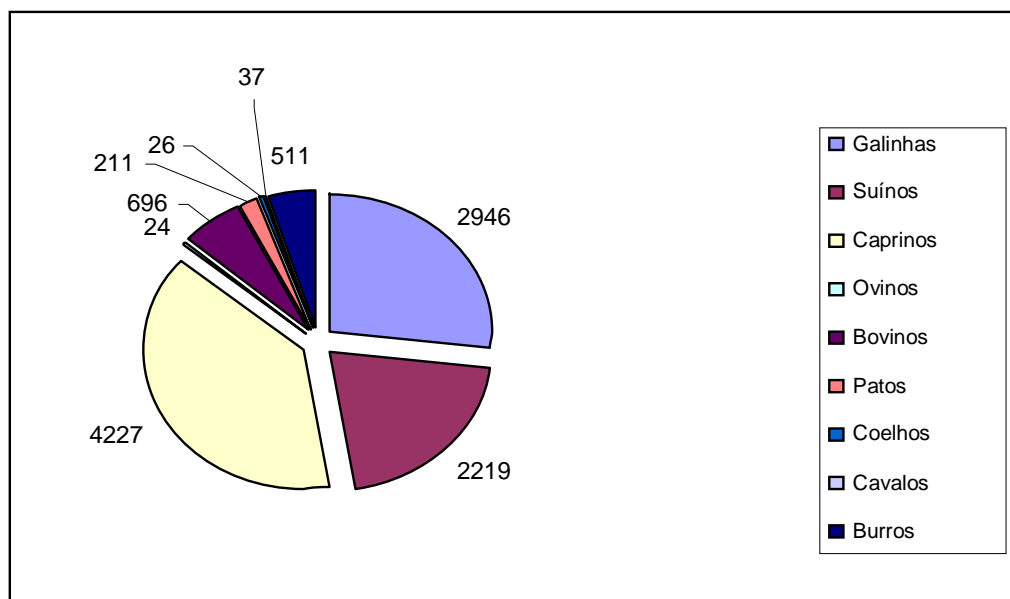


Fig. 8 Effectivos das espécies de gado por unidades de exploração

O sistema de criação de pequenos animais é predominantemente extensivo. As galinhas são criadas maioritariamente à solta. A criação de suínos é feita também essencialmente em regime de exploração extensiva. Os animais encontram-se à solta e por vezes contidos em currais e pocilgas comunitárias.

Quadro XIV

Sistema de Exploração para os Ruminantes

Espécie	Extensivo	Semi-estabulado	Estabulado
Caprino	2452	1426	337
Ovino	6	16	1
Bovino	48	568	77

Fonte: Censo Pecuário (1994-1995); CABO VERDE NATURA 2000: II INVENTÁRIO Y ANÁLISIS TERRITORIAL; CARACTERIZAÇÃO DO MEIO SOCIOECONÓMICO E TERRITORIAL

O sistema de exploração mais frequente para os caprinos, como constas no quadro, é o regime extensivo permanente. Também o número de animais criados em regime semi-estabulado é expressivo.

As localidades de Figueira Horta, Morro, Calheta, Cascabulho, Ribeira D. João e Barreiro são zonas com maior expressão nesse sector.

Cabra e vaca são animais preferenciais dos criadores maienses. Isso deve-se à tradição da ilha desde os tempos mais remotos.

O leite é um produto da exploração pecuária muito importante para a ilha do Maio. É o único produto que é transformado em pequena indústria. Através do leite é produzido o apetitoso queijo, vulgarmente conhecido por “**Queijo di Maio**”. É um produto muito apreciado não só na ilha do Maio como também na vizinha ilha de Santiago, mais concretamente na cidade da Praia. É também muito apreciado pelos turistas. Basta ressaltar aqui, que dificilmente os visitantes não o levam na bagagem na viagem de regresso. Do leite também se faz a manteiga, conhecida por “**Mantega Terra**” que no passado era muito apreciada e valorizada.

3) Pesca

A ilha do Maio é por excelência uma ilha piscatória, daí a razão da pesca ser um dos principais meios de sobrevivência dos seus habitantes.

A pesca é uma actividade económica muito importante para a ilha e a sua população. O mar é muito rico em recursos haliêuticos. Existe uma grande variedade de espécies não só de peixes, mas também de crustáceos e moluscos. A plataforma da ilha está estimada em 2450km², formando juntamente com a vizinha ilha da Boa Vista, a maior plataforma insular do país (cerca de 6450km²), onde o seu potencial em recursos pesqueiros é muito grande.,

No Maio pratica-se apenas a pesca artesanal. No entanto também existem pescadores que fazem o mergulho.

A pesca artesanal é uma actividade tradicional que abarca cerca de 50 botes de madeira boca aberta com cerca de 4m de comprimento em que 90% (dos quais) se encontram equipados com motores fora de borda de 5 a 8 cavalos.

Actualmente existem cerca de 69 pescadores de linha e 18 mergulhadores. A vila é uma zona em que a actividade piscatória é mais expressiva. Calheta e Barreiro são também localidades onde a pesca é muito explorada.

O volume das capturas por bote é de 25 a 30 kg de pescado/dia. A produção média anual da pesca artesanal é estimada em 396 toneladas. O consumo de pescado perca pita é bastante elevado e superior à média nacional (67 kg/hab. /ano, ante 13,7 kg/hab. /ano nacional). Os excedentes de pescado são escoados para o mercado vizinho da Praia.

Existe na ilha uma Associação dos Pescadores do Maio desde 1997. Conta actualmente com 22 sócios e 80 membros.

A associação conta com o apoio da União Europeia através desse fundo, apoiam pescadores na aquisição de embarcações, caixa isotérmica e motor fora de bordo. Entretanto, como é natural os pescadores fazem o reembolso sem a taxa de júri.

Também existe um acordo de micro crédito com a Caixa de Poupança e Crédito para a aquisição de materiais mas com uma taxa de júri de 2%.

4) Comércio

Um dos sectores que mais emprego traz ao concelho é sem dúvidas o comércio. Emprega sobretudo mulheres e jovens com escolaridade baixa.

As mulheres estão nesse sector sobretudo como vendedeiras ambulantes, enquanto que os jovens preferem, maioritariamente os serviços de bares, restaurantes, boutiques entre outros.

Os pequenos comércios proliferam por toda a ilha, totalizando o número 131, incluindo bares e retalhistas licenciados, sendo a maioria das empresas em nome individual, e familiar, representando um significativo número de postos de trabalho.

Alguns estão perfeitamente legalizados, enquanto outros, muito embora detentores de alvarás, acusam atrasos substanciais na regularização das respectivas licenças, com todas as consequências em matéria de perda de receitas municipais. Apenas três entidades são licenciadas para fazer venda a grosso no concelho.

Os vendedores ambulantes estão disseminados por todo o concelho e, dos 20 licenciados para o efeito, existem quantidades de estrangeiros (africanos) que exercem essa actividade de forma clandestina.

De realçar que existem duas drogarias na ilha do Maio.

Apenas duas instituições possuem licenças de importação no concelho do Maio. Entretanto, os comerciantes da ilha reclamam a irregularidade da ligação marítima e aérea com a cidade da Praia, o que constitui um verdadeiro entrave ao desenvolvimento desse sector.

5) Actividades industriais

A ilha do Maio praticamente não tem indústria, porque quando esta – se a falar de indústria, nos vem à mente uma unidade fabril de transformação com capacidade de emprego de um número significativo de pessoas e de produção que garante a viabilidade e um mercado consumidor.

Apesar da existência de recursos geológicos importantes, o sector industrial da ilha é incipiente. Há muito se vem falando do Projecto Cimenteira na ilha mas, na realidade esteve sempre muito longe de concretizar.

As actividades industriais da ilha resume-se a:

a) Produção de carvão, nas zonas de Calheta e Morrinho, pelo processo muito rudimentar antigo e artificial, beneficiando a poucas pessoas que se destinam à venda noutras ilhas para a preparação dos alimentos.

As consequências dessa produção é mais do que evidente, uma vez que, destroem as árvores dessas zonas, a libertação de gases e poeiras para a atmosfera é prejudicial para a população e em particular para o dono, dado que eles não dispõem de equipamentos de protecção.

b) A produção de queijo, a partir do leite de cabra, nas localidades do Barreiro, Figueira e Ribeira Dom João onde a criação de gado e agricultura são as principais actividades, contribui para a melhoria do rendimento da família.

c) A padaria, o trapiche e o artesanato, principalmente a partir da argila constituem também actividades geradoras de algum rendimento. Essas actividades por si só não são auto-sustentáveis para a população, por isso é inevitável a dedicação a outras actividades.

5.2 A Integração da ilha nos Planos de Desenvolvimento Nacional

Abordando a questão do desenvolvimento do Maio e para dar uma ideia às gerações actual e futuras, achamos conveniente recuar um pouco no tempo, de modo a conjugar e comparar o nível desse mesmo desenvolvimento.

Na verdade a questão do desenvolvimento é relativo no espaço e no tempo e é apreendido consoante a conjuntura socio-económica e política de um país ilha ou de uma região. Para o caso particular do Maio, para melhor compreensão do seu desenvolvimento, importa destacar três períodos:

- **Primeiro período** decorrente desde o seu povoamento por volta de 1489 correspondente à colonização portuguesa;
- **Segundo período** – Período pós independência decorrente de 1975, a 1990 correspondente ao chamado regime de partido único.
- **Terceiro período** – período de Pluralismo ou regime democrático com as primeiras eleições livres e democráticas iniciadas em 1991 até o presente momento.

O desenvolvimento do Maio pelas suas próprias características naturais (geomorfológica, climáticas e ambientais) esteve sempre condicionado, pois o relevo pouco acidentado não favorece a queda pluviómetros na caprichosa estação dita das chuvas ligada às migrações anuais das frentes inter tropicais; baixas altitudes traduzindo na fraca variabilidade climática e por conseguinte fraca biodiversidade.

No primeiro período – pelas razões acima referidas a ilha registou-se um fraco desenvolvimento, não obstante viver um período áureo no concernente à indústria salineira que foi muito importante para o país como para a ilha.

Esse período, aproximadamente de 500 anos marcou profundamente a ilha do Maio que ficou fechado sobre si mesma e a exploração colonial de então. Com uma população a desenvolver a um ritmo muito lento e mesmo nulo ou negativo devido as oscilações provocadas pela seca e fomes. Decorrente desta situação, com uma economia muito débil fez com que muita gente tenha emigrado sob o regime fascista português para as outras colónias portuguesas. Seguiu-se nos anos 70 a emigração massiva para Europa com especial destaques para Holanda com grandes ganhos para a economia local.

Segundo período

Com o advento da independência do país, valor almejado por qualquer povo foi de extrema importância tendo em consideração uma mudança substancial na vida das populações.

A autodeterminação do país criou nas populações uma grande expectativa, participando de forma mais activa na vida social sem o receio e opressão do período colonial.

A ilha do Maio no quadro global do país, viu o seu nível de desenvolvimento muito limitado, atingindo um patamar muito a quem das expectativas das populações, ao lado das chamadas ilhas abandonadas da Boavista e da Brava.

Efectivamente a referida Ilha não beneficiou de forma equitativa ou outra em relação ao resto do país, a não ser na criação de escolas pelos deferentes pontos do concelho.

Apesar da enorme viragem na mentalidade das pessoas com a massificação escolar ao nível do ensino primário o desenvolvimento não conheceu outros contornos nomeadamente no que diz às infra-estruturas.

Terceiro período

Viveu-se um terceiro momento da história do Maio, após o 13 de Janeiro de 1991 até hoje, considerado também importante uma vez que traduz no culminar da democracia e liberdade com as primeiras eleições livres e justas no país.

A liberdade de escolha, de opiniões, expressão de contestar e manifestação conseguida a partir de 1991; conjugada com o importante feito de 1975, constitui ponto de partida para lançamento e projecção do país na senda política económica e social a nível internacional, e em particular a aproximação da ilha no contexto de desenvolvimento nacional, quebrando assim o isolamento a que estava votado.

Volvidos os 15 anos a ilha conheceu, ainda que de forma diferenciada do país, significativos avanços no processo do seu desenvolvimento.

A adopção de infra-estruturas portuária e aeroportuária facilitou a ligação da ilha com o resto do país e do mundo; O aumento da rede viária cobrindo a ilha em 40 % facilitando o deslocamento e comunicação interna; a comunicação com redes telefónicas em todos cantos da ilha (100%) sem se deslocar; a energia igualmente por todos os cantos populacionais do concelho; a rede publica de abastecimento de água com distribuição domiciliária, a melhoria na educação com abertura do liceu assegurando o ensino secundário até o 2º ciclo; a melhoria na saúde com aumento do pessoal medico e instalação de laboratórios de análise, construção de uma posto sanitário em Pedro Vaz e diversos postos sanitários espalhados pelos povoados. Entre outras realizações, é comum dizer que a ilha teve algum desenvolvimento em áreas consideradas chaves para seu desencravamento como é o caso da educação, das energias comunicação e ligações com o exterior. Muito ainda falta para fazer.

A emigração para Europa iniciada nos anos 60/70 representa para ilha um autêntico fenómeno que positivamente marcou e deixará rastros a longo prazo.

A influência desse movimento migratório, maioritariamente para Holanda, contribuiu grandemente na vida económica e social da ilha. Efectivamente, o seu reflexo está hoje bem

patente na própria estrutura social da ilha. Basta dizer que os primeiros quadros ou pessoas com elevado nível de escolaridade são filhos ou dependentes directos dos emigrantes.

Actualmente podemos dizer que Maio está num patamar baixo de desenvolvimento comparando com algumas ilhas como Santiago, São Vicente e Sal, apresentando uma forte deficiência nos sectores básicos de desenvolvimento, sobretudo a nível da Educação, Saúde e outras infra-estruturas.

Pelo seu potencial natural a ilha merecia uma atenção por parte das entidades. Referimos concretamente ao poder central que pouca ou nenhuma atenção tem dado ao concelho.

A sua riqueza em recurso naturais para produção de cimento, exploração de inertes (areias pedreiras britas cascalho gesso etc. ...), associada à sua salina e outros recursos marinhos (peixes crustáceos e moluscos), são factores mais de que suficiente para uma aposta mais séria, contribuindo assim com a sua devida exploração para o desenvolvimento da ilha e do país em geral.

A política aparece como principal factor condicionante de desenvolvimento dessa ilha. É da nossa opinião de que a autarquia e o governo deviam por de lado as questões político-partidárias e em conjunto elaborar planos de desenvolvimento de acordo com as potencialidades da ilha, explorando ao máximos os recursos disponíveis para bem da economia local e nacional.

Apesar de tanto falar do turismo, e do projecto de desenvolvimento turístico das ilhas da Boavista e do Maio, nada de palpável se faz sentir nesse concelho.

Para que ela venha a desenvolver-se é necessário adoptar política de forma a permitir a valorização desses recursos pensando na ilha a médio e longo prazo.

A falta de infra-estruturas, principalmente como as educacionais e de saúde é mostras inequívocas de esquecimento ou desinteresse no desenvolvimento da ilha ou então de pouco fazer a nível local.

5.3 A Circulação Interna e a Ligação a outras Ilhas

A ilha do Maio é geralmente plana e teoricamente facilita a circulação de pessoas e veículos, mas o acesso a algumas partes da ilha utilizando veículos torna difícil, uma vez que não há estradas ou então de terra batida.

Um dos entraves ao desenvolvimento da ilha do Maio é sem duvidas a falta de infra-estruturas do sistema rodoviário. Actualmente existe cerca de 40 km de estradas no concelho.

A saída da Vila do Porto Inglês do lado W-N a estrada vai até á povoação de Cascabulho, deixando praticamente descoberta a zona norte da ilha.

Por outro lado da ilha (zona sul) a vila é ligada com uma rede viária até a localidade de Ribeira D. João, contemplando as outras duas localidades (Figueira e Barreiro).

Assim, o anel rodoviário da ilha está muito incompleto, porquanto de Cascabulho às aldeias da zona norte (P. Vaz, P. Gonçalo e Santo António) a ligação é feita ainda em terra batida, que nos períodos de chuvas ficam praticamente inacessíveis.

No âmbito do programa Nacional de Luta Contra a Pobreza, porém foi construída 4 km de estradas que ligam duas zonas no norte da ilha – Pedro Vaz e Alcatraz. Entretanto, para completar o anel rodoviário do concelho falta ainda ligar Cascabulho a Pedro Vaz e Alcatraz a Figueira Horta. E também as duas pequenas duas aldeias mais à norte (Praia Gonçalo e Santo António) a Pedro Vaz.

Já se encontra na ilha, a empresa Empreitel Figueiredo Lda, para construção de estrada que liga as localidades de Figueiras a Alcatraz de aproximadamente 11km.

No ano 2004 a CMM assinou um contrato – programa com o Governo (Ministério das Infra Estruturas e Transportes) para a ligação Cascabulho – Pedro Vaz. Foi transferida a 1ª parte da verba para a terraplanagem e levantamento topográfico. Esses trabalhos já foram efectuados e, até este momento a CMM está à espera das restantes transferências para a prossecução da obra, de aproximadamente 7 km

Em relação às duas localidades mais à norte (Praia Gonçalo e Santo António) a CMM vai iniciar um pequeno troço que as ligam a Pedro Vaz já no início de 2006. São zonas muito próximas que estão separadas por 2 e 3 km, respectivamente.

As estradas em falta causam uma enorme barreira ao desenvolvimento económico – social da ilha. Reflecte negativamente por todo o sector, desde cultura, desporto, saúde, educação, turismo, indústria, turismo, entre outros.

Espera-se, num curto prazo, seja decisivo nesse sector para que a ilha lance de vez para o desenvolvimento.

1) Serviços dos transportes

Não obstante problema do fecho do anel rodoviário o sector dos transportes evoluiu nesses últimos tempos. Para além dos transportes colectivos que são assegurados por carrinhas de caixa aberta e Hiace que são totalmente privadas, aumentaram também os carros de natureza familiar.

Ademais, existe cinco autocarros da câmara municipal que asseguram o transporte escolar dos alunos do ensino secundário e dos alunos do centro de formação. Esses autocarros também são usados pelos turistas que visitam a ilha nas épocas altas e durante o período das festas do concelho.

De realçar que não há licenciamento da praça de táxis no Concelho.

Existe uma empresa de aluguer de viaturas ligeiras denominada Maio Car Lda. desde 1999, sedeadada na Vila do Porto Inglês. Esta empresa para além de aluguer de carros faz venda de acessórios.

Em relação ao transporte marítimo e aéreo que liga a ilha à cidade da Praia, destaca-se neste momento o serviço prestado pela “Agência Polar”, empresa privada de transportes marítimos que está a assegurar essa linha uma vez por semana dando uma certa estabilidade à ilha, porquanto há um fluxo de bens, produtos pessoais, mercadorias, materiais de construção civil, entre outros que estão assegurados por essa via e, vice-versa.

No que concerne ao transporte aéreo, os TACV garante a ligação com a cidade da Praia com 3 voos semanais nos aviões ATR da referida companhia.

De salientar que não existe ligação nem aérea nem marítima com as restantes ilhas do Arquipélago.

Constrangimentos.

- Inexistência de estradas por toda a ilha;
- Ligação marítima irregular;
- Tarifa demasiado alto nos voos da TACV para a capital do país.

2) Telecomunicações

Actualmente existem duas centrais telefónicas sendo uma na Vila e outra na Calheta ligada à Electra. No entanto existem dois Fast Ling rurais situados na Figueira Horta e em

Pedro Vaz que funcionam com a energia solar. Estas duas Fast Ling abrangem todas as zonas rurais. Assim, a rede de Telecomunicações abarca todo o Concelho do Maio.

A central da Vila conta neste momento com 846 assinantes englobando as zonas do Barreiro, Figueira Horta, Figueira Seca e Ribeira D. João enquanto que a central da Calheta que contempla as restantes zonas conta com 438 assinantes.

Ainda, para além da Vila, as localidades de Morro, Calheta, Morrinho e Cascabulho estão contempladas com a rede de telefone móvel e está em estudo o projecto da Massificação da rede móvel para o concelho.

Neste momento está-se a desenvolver o projecto do lançamento da fibra óptica na zona de Figueira Horta para substituir a antiga instalação e a consequente remodelação da rede de Figueira Horta e Barreiro.

Outrossim, existe a prestação de serviços da Internet com a tecnologia ADSL CVT e serviços SLIPP PPP.

5.4 As Infra-estruturas Básicas e o Desenvolvimento da Ilha do Maio.

Maio está num patamar baixo de desenvolvimento comparando com certas ilhas, apresentando uma forte deficiência nos sectores básicos de desenvolvimento, sobretudo a nível da Educação, Saúde e das infra-estruturas.

A criação de infra-estruturas no concelho surge como suporte para o desenvolvimento sustentado da ilha.

A partir dos anos 90 despoletaram algumas infra-estruturas importantes para a promoção e desenvolvimento sócio económico do concelho, mas pouco eficazes.

Em primeiro lugar destacamos infra-estruturas ligadas aos sectores seguintes:

1) Educação:

- Construção de jardins infantis em todas as localidades com excepção de Santo António (nº de alunos não justificava)
- Construção de dois complexos escolares para E.B.I. (uma na Calheta outra no Barreiro), uma sala de aula na localidade do Morrinho, uma na Figueira Horta, uma em Pilão Cão, uma em Pedro Vaz, uma em Praia Gonçalo e duas salas de aula na Vila.

- Remodelação do complexo do ex-ciclo preparatório da vila para implementação do ensino secundário na ilha.
- Construção do centro de formação profissional já em funcionamento

2) **Saúde:**

- Construção de dois postos sanitários, sendo uma na Calheta e outra na zona norte em Pedro Vaz
- Construção de três unidades sanitárias de base (USB) sendo uma no Barreiro, uma no Morrinho e uma na Figueira.
-

3) **Desporto Cultura e lazer:**

- Construção de um complexo desportivo na vila
- Construção de quatro polivalentes sendo um na vila, um no Barreiro, um na Calheta e um no Morrinho;
- Construção de cinco placas desportivas: no Morro, cascabelho, Pedro Vaz, Alcatraz e Figueira Horta.
- Criação de uma casa de juventude na vila
- Quatro centros comunitários (Barreiro, Calheta, Figueiras e Morrinho) equipados com multimédia,
- Praças e pracetas espalhados por várias localidades.

Em segundo lugar, as infra-estruturas de ligação externa:

- Porto
- Aeroporto
- Rede telefónica que cobre todas as zonas da ilha.

Em terceiro lugar temos infra-estruturas como:

- Rede de energia
- Rede pública de abastecimento de água
- Construção de troços de estrada
- Aberturas de furos, melhoramento e escavação de poços
- Construção de diques

- Construção de mercado e matadouro municipal
- Construção da lixeira municipal
- Construção de casa de pescadores

Esses entre outros equipamentos são obras de vulto que vem contribuindo muito para uma viragem a nível social, cultural e económico do concelho do Maio, melhorando a qualidade de vida das populações.

Em anexo, encontram-se uma listagem de infra estruturas por localidades, dando uma certa visão do grau de investimento e de desenvolvimento de cada um.

6- A integração do ambiente natural

«A relação entre o ambiente e o desenvolvimento não tem sido muito feliz. Pois, o desenvolvimento afectou frequentemente o ambiente e, em resultado disso, os danos ambientais afectaram adversamente o desenvolvimento» (SEITZ, Jean L; Questões globais uma introdução: perspectivas ecológicas).

De facto, tal ideia com a qual partilhamos é corrente com os interesses puramente económicos (lucro) que são característicos dos agentes empreendedores de hoje que induzem o homem a atitudes e práticas que comprometem a curto médio prazo o fenómeno ambiente/desenvolvimento.

O desenvolvimento de qualquer país, ilha ou região, face à complexidade que gera à sua volta, terá que passar necessariamente pela valorização e aproveitamento dos seus recursos de que dispõe, seja ele humanos ou naturais.

A sustentabilidade na utilização e aproveitamento dos recursos, principalmente os naturais, surge hoje como uma terceira arma no processo de desenvolvimento que se pretende tanto em termos de eficiência como de eficácia.

A ilha do Maio pela sua pequenez, tanto em superfície como em termos demográficos, torna muito mais fácil reunir as suas forças sem exclusão de parte (essência de desenvolvimento) rumo ao desenvolvimento.

A ilha do Maio para entrar na senda de desenvolvimento tem de apostar seriamente, no ambiente natural e património cultural disponível, ainda sub explorados.

Há na ilha um conjunto de condições (ambiente natural e património cultural) que com a devida valorização das entidades, constituem factores de atracção turística, arrastando para ilha grande números desses, contribuindo assim para o seu desenvolvimento.

Perante este cenário, torna necessário a conjugação de esforços entre recursos naturais disponíveis com a capacidade e determinação da sua gente nesse longo e árduo processo de desenvolvimento.

Uma outra vertente que julgamos importante e determinante nesse processo é o papel ou posição que os poderes (central e local) devem adoptar no referido processo. Neste sentido, para o bem da ilha e do país, as estratégias de desenvolvimento adoptado pelo governo central e as estratégias de desenvolvimento local traçadas pela autarquia só serão eficazes se for abordado numa perspectiva de complementaridade através de parceria mútua.

6.1 As áreas protegidas da ilha do Maio

As áreas protegidas aparecem hoje, como fonte de riqueza de um país ilha ou concelho. Directamente surgem como fonte de extracção de bens contribuindo para a melhoria económica das populações; indirectamente como fonte de atracção turística e consequentemente dos ganhos advenientes.

A ilha do Maio, assim como as duas outras ilhas planas do país, dispõe de rede de áreas protegidas bastante considerável a nível nacional.

Quadro XV

Rede de áreas protegidas da ilha do Maio

Espaço natural	Categoria
Terras salgadas	Reserva natural
Casas velhas	Reserva natural
Lagoa cimidor	Reserva natural
Praia do Morro	Reserva natural
Barreiro e Figueira	Parque natural
Salinas do Porto inglês	Paisagem protegida
Monte penoso e Monte Branco	Paisagem protegida
Monte de santo António	Paisagem protegida

Fonte: Decreto-Regulamentar N°7/2002 de 30 de Dezembro. I série N°37 de 30712/02

Decreto – Lei n°3/2002 de 24 de Fevereiro. I série B.O N°5 de 24/02/03

As áreas protegidas da ilha resumem em reserva natural, parque natural e paisagem protegidas, sendo 4 reserva natural, 1 parque natural e 3 paisagem protegida.

A paisagem protegida das salinas de Porto inglês e Monte branco representam para suas gentes as maiores riquezas da ilha.

A salina se merecer a devida atenção do governo central, contribuirá grandemente para a economia do país no geral e da ilha em particular com a criação dos postos de trabalho. Aliás já foi no passado.

Outro sim é a riqueza geológica na zona de Monte branco que com a sua exploração torna determinante na economia do país e no desenvolvimento socioeconómico da ilha com extracção do cimento.

6.2- As manifestações culturais e a sua integração no processo de desenvolvimento.

O Concelho apresenta uma diversidade de manifestações culturais que vai desde as tradicionais festas de romarias até às festas pagãs de Santa Cruz (tabanka) com o ritual próprio acompanhado do som do “tambor” que é a marca desta festa.

As manifestações culturais estão assentes em valores que se desenvolvem ao longo dos tempos de acordo com o meio natural, expressos sobretudo na música, nas festas populares, na culinária, na gastronomia, na dança e na arte.

Sendo a cultura um conjunto de costumes, instituições e de obras que constituem a herança de uma comunidade ou grupo de comunidades, não se devem nem se podem esquecer dessa perícia.

Já é uma constatação de que alguns traços culturais têm vindo a desaparecer, ou então, pouco conhecidos pelas novas gerações. Essa descontinuidade cultural cria um vazio entre gerações e consequente perda de identidade cultural. É o caso concreto da tabanka pela passagem de santa cruz com referimos anteriormente, devido a morte ou emigração de certas pessoas de destaque (Dona Chepa).

Não temos assistido uma verdadeira política cultural na ilha, não obstante, existirem vários talentos maienses tanto residente na ilha ou noutras ilhas como na diáspora, ainda não se fez absolutamente nada para o seu engajamento em prol da cultura e do desenvolvimento da ilha.

Existem os chamados “grupos de Toca tina” que estão a dismantelar dia após dia por causa desse vazio político existente.

Os chamados Conjuntos Musicais estão á deriva sem estímulos e sem perspectivas, pelas mesmas razões.

A inexistência de uma” Casa da Cultura “onde cada um podia deixar a sua ideia, a sua experiência, a sua vivência e o seu talento; de um centro de documentação devidamente equipado; casa da musica; sala de cinema; centro ou clubes de diversão nocturna ou qualquer outro espaço afim são entraves ao desenvolvimento da ilha.

Uma ilha com vocação para o turismo tem de apostar nesses produtos turístico vendendo-o.

Ora, Existe um grupo de teatro na ilha denominado “Lagoa” com, já com um talento reconhecido a nível nacional, fazendo um trabalho meritório, porém, sem reconhecimento nem engajamento por parte do pelouro da cultura.

Existem algo de registo, como a criação dos centros multimédia, a promoção do Festival de Biche – Rotcha, o patrocínio das festas de romarias, a realização das festas do Concelho, entre outras situações pontuais. Porém, há que libertar das políticas assistencialistas e por vezes sem objectivos; não basta só o presente; há que perspectivar o futuro e prepara-lo. Só assim se transmite tradição proveniente de geração anterior.

Em suma, deve-se inverter a situação reinante – muita festa e pouca cultura!

A cultura deve ser um sector estratégico, um vector para o crescimento socioeconómico e, por conseguinte para o desenvolvimento do Concelho; e a par do turismo deve ser assumida, também como um sector chave para o progresso da ilha.

Os impactos positivos esperados com a opção pelo desenvolvimento da indústria da cultura pode sintetizar-se em:

- Aumento da notoriedade do concelho a nível nacional e internacional;
- A oferta de um conteúdo cultural diversificado ao turismo, conectando estes sectores mutuamente;
- Criação de oportunidades de emprego principalmente para os jovens.

Entende-se que se deve promover, estimular e apoiar as actividades culturais e a arte, por serem parte indissociável da identidade e do prestígio do concelho e do país.

6.3- O turismo emergente e a gestão do património natural e cultural

O turismo assume-se hoje como um fenómeno amplamente global, baseado num conjunto de cada vez maior e diversificado de recursos naturais histórico-culturais e socioeconómicos apresentando novas orientações de desenvolvimento, possuindo uma crescente importância nas economias nacionais e regionais. (MOURÃO, Jorge Manuel; centro de Estudos e Planeamento Regional, Faculdade de ciências Sociais e Humanas – U. N. L.).

Devido as complexas questões dos potenciais conflitos de interesse entre o turismo e a preservação do ambiente natural, torna-se imprescindíveis as principais orientações da organização Mundial do Turismo (O.M.T.) que tem assumido especial relevância:

- 1-** O Turismo é uma tarefa de todos nós -desde governo a simples turistas ou cidadão para garantir a sustentabilidade ambiental e histórico-cultural em que se apoia o turismo.

2- O governo tem responsabilidade e deve adoptar acções de natureza técnica e científica e de representatividade na consulta e na intervenção, que traduz num vasto e complexo conjunto de iniciativas e actuações, susceptível de situação de conflito de interesse.

3- A O.M.T. recomenda também um conjunto de iniciativas e acções que podem e devem ser postas em prática pela indústria turística em especial os resorts e hotéis, para minimizar os efeitos negativos da sua actividade no ambiente natural.

Uma das maiores riquezas do concelho do Maio é beleza cénica das suas enormes praias que abundam em torno da ilha.

Com um clima que proporciona um sol mais ou menos constante durante todo o ano, as praias de areia branca e fina, de água límpida e transparente e, algumas salinas praticamente virgens com uma vegetação típica são autênticos paraísos, oferecendo condições favoráveis para o turismo principalmente balnear e desporto náutico.

Entretanto, o desenvolvimento turístico na ilha encontra-se numa fase muito incipiente e timidamente começa a despoletar alguns sinais de verdadeiro arranque mas com certas reservas, se calhar por causa de algumas infra-estruturas em falta na ilha.

No entanto existem algumas infra-estruturas turísticas na Vila e arredores:

O hotel Marilú, no coração da Vila é um dos mais antigos da ilha. Com 25 camas vem operando desde 1993 com serviços de quartos, restaurantes e bares; a uma distância aproximada de 150 metros encontramos o Residencial Bom Sossego, com 11 anos de existência (desde 1994) também com serviços de quartos (22 camas individuais e 3 quartos de casal), restaurante e bar; e na Zona de Expansão do Morro aproximadamente a 5 km da Vila encontramos dois complexos turísticos: Aldeia turística Tartaruga que se encontra desactivada e o complexo turístico Bela Vista com 66 camas, também com serviços de bares e restaurantes.

No entanto, existe um pacote volumoso de solicitações por parte dos operadores turísticos interessados em investir nesse sector. As zonas mais solicitadas pelos operadores são as de Ponta Preta na Vila e zona da expansão do Morro.

Entretanto, a ilha deve conhecer melhores dias nesse sector com a criação do Decreto-lei nº 36/2005 publicado no B.O. I Série nº 2 de 6 de Junho de 2005, que cria a Sociedade de Desenvolvimento Turístico das ilhas de Boa Vista e Maio, SA.

A criação de zonas turísticas especiais foi uma medida de grande alcance para o sector do turismo que, desde sempre era tido como capaz de desempenhar um papel de maior relevância para a economia local e nacional, devido aos seus efeitos sobre volume de

empregos que possa criar directa e indirectamente, em actividades com ele conexas, e ainda pela insubstituível contribuição que irá dar para o desenvolvimento da ilha.

Para que haja um verdadeiro desenvolvimento turístico na ilha torna urgente investir em infra-estruturas de base que cria reservas aos operadores, nomeadamente estradas, Centro de Saúde, melhoria na produção de energia eléctrica e água.

Também a nível da Gestão e Funcionamento dessas instituições existe uma enorme dificuldade em encontrar pessoas qualificadas, com formação na área de hotelaria, bar, serviços de mesa, restaurante e atendimento. A ilha é desprovida desses quadros e técnicos causando dificuldades de gestão e funcionamento das unidades hoteleiras e afins.

Entretanto, estão a decorrer alguns cursos de formação profissional ligados à hotelaria na Vila sob a responsabilidade da Câmara Municipal. Todos esses operadores estão disponíveis em receber estagiários desses cursos nos seus empreendimentos turísticos.

Criadas as infra-estruturas acima referenciadas associadas a formação profissional em curso e enquadrado no projecto que cria a Sociedade de Desenvolvimento Turístico das ilhas de Boavista e Maio, a ilha ganhará de forma considerável algum avanço.

Mas o mais importante de tudo é por em prática as recomendações/princípios, onde caberá ao poder local (câmara municipal) desencadear um conjunto de acções para que no quadro de regulamentação e fiscalização das leis que visam a promoção do turismo local sustentável e conseqüentemente o desenvolvimento integrado da ilha.

Nesta óptica, tem particular pertinência o respeito pela herança cultural. Isto é, uma compatibilização entre a actividade turística e o povoamento (rural e urbano) com participação das populações nas mais diversas áreas, com da qualidade de vida e do bem-estar.

6.4- Linhas de força de um desenvolvimento integrado da ilha do Maio

O desenvolvimento de qualquer país, ilha o região, dado a sua subjectividade complexidade, impõe um conjunto de exigência que só com a união de forças se pode chegar ao desenvolvimento pretendido.

Surge em primeira-mão como factor ou força de desenvolvimento de uma ilha os seus recursos humanos existentes e em segundo plano os recursos naturais e patrimoniais disponíveis.

A ilha do Maio dado a sua exiguidade, tanto superficial como demograficamente vê facilitado a integração das suas gentes e recursos a caminho de desenvolvimento.

Perante o cenário actual e para alcançar ao desenvolvimento integrado da ilha há que pensar e investir em sectores chaves como é o caso de:

- ❖ **Educação e formação das suas gentes;**
- ❖ **Infra estruturação da ilha;**
- ❖ **Exploração das suas potencialidades naturais**

1º Educação

No que concerne ao primeiro ponto (educação e formação dos recursos humanos), constitui o ponto de partida quando se pretende entrar na senda do desenvolvimento. Portanto torna-se urgente a nível de educação adoptar o concelho de pessoal capacitado (quadros superiores) e de infra estruturas educacionais devidamente equipados que permite um adequado desempenho no processo de ensino aprendizagem, cobrindo, assim as lacunas existentes:

A nível do secundário

- Falta de pessoal com formação específica na área de ensino secundário;
- Instalação inadequada para o funcionamento do ensino secundário;
- Inexistência de laboratório para as aulas de física, química, biologia e ciências;
- Inexistência de oficina para as disciplinas de artes;
- Inexistência de Associação de Pais e Encarregados de Educação;
- Inexistência de Associação de Estudantes;
- Falta de um centro de documentação na ilha;

A nível da formação profissional

- Uma equipa de formadores com competência técnica e pedagógica para o exercício da sua função;
- Um modelo de gestão que garante a qualidade do seu funcionamento, a sustentabilidade do projecto e que responda às necessidades do público-alvo;

Ademais, um outro aspecto importante a ressaltar nesse processo de desenvolvimento do concelho prende-se com a adopção de política de atracção ou reagrupamento dos seus quadros para ilha. Pois, encontra-se fora dela várias dezenas destes na praia e no estrangeiro.

2º Infra estruturação da ilha

A necessidade de infra estruturação revela-se como essencial nessa caminhada.

O crescimento induzido pelo turismo é fundamental para mobilizar o desenvolvimento de infra estruturas e equipamentos. Nesta ordem de ideia estão lançadas as bases para a infra estruturação nos seguintes:

- Na criação de um centro de saúde (hospital) devidamente equipado;
- Na edificação condigna de centros de ensino acima referido;
- Construção da rede viária condigna facilitando a circulação e acessibilidade por toda a ilha;
- Melhoria da central eléctrica para melhor e cabal fornecimento de energia eléctrica e consequentemente melhor abastecimento de água;
- Adoptar a ilha das infra estruturas de cultura, desporto e de lazer (clubes nocturnos, cinema, centro de teatro)
- Melhoria das infra estruturas portuárias e aeroportuárias;
- Investimento no sector da industria (cimentaria gesso cerâmica)
- Aposta séria no sector turístico com a criação de mais unidades hoteleiras

3º Exploração dos recursos naturais e patrimoniais

Os recursos naturais ali existentes quando aproveitados e explorados de forma sustentável, vão fazer vislumbrar um novo rosto no desenvolvimento local.

Na ilha consta de forma sub explorada de uma grande quantidade de recursos naturais e ambientais importantes para a sua economia. (quadro I)

É numa perspectiva de conjugação dessas forças que previmos o almejado desenvolvimento integrado do Maio. Isto é, torna-se necessário um equilíbrio harmonioso entre os diversos sectores (humanos naturais e infra estruturais) e complementaridade dos diversos actores (governo central, local, ONGs, sociedade civil etc.) através de parcerias mútua na busca de solução para os problemas.

Só podemos falar de um verdadeiro desenvolvimento integrado do Maio, quando as populações são capazes de acompanhar e ter a noção clara do que está a passar à sua volta. Isto é, quando as populações se sentem parte integrante do desenvolvimento, com apropriação do espaço ou território, participando e emitindo opiniões ou seja quando tem um exercício pleno da cidadania.

Conclusão

Ao chegar ao fim deste trabalho, ficamos convicto de termos atingidos os objectivos inicialmente preconizados e termos e que este trabalho possa contribuir para um melhor conhecimento da ilha do Maio. É de referir que com a conclusão deste trabalho foi para nós algo de muito importante, uma vez que passamos a conhecer mais e melhor a ilha através dos trabalhos de pesquisa.

Considerando uma grande escassez de documentos referentes àquela ilha, ou então muito restringidos em termos temáticos ou de variedades, achamos útil o estudo feito, pela sua abrangência as mais diversas áreas ou sectores da sociedade maiense.

Esperamos que o nosso modesto trabalho vai servir, não só para conhecer a ilha, como também em trabalhos de investigação mais aprofundado.

Da análise feita durante o período decorrente da realização deste trabalho verifica-se que no passado a ilha do Maio se desenvolveu de uma forma lenta e desequilibradas entre o capital humano e o capital financeiro, devido a conjuntura de então, caracterizado pelo baixo nível instrução e informação das populações.

A questão de desenvolvimento caracterizada pela sua complexidade e subjectividade, na sua abordagem, baseou-se muito na análise de alguns indicadores de desenvolvimento humano.

O recuo no tempo, é para nós uma forma de melhor ajudar às pessoas principalmente as novas gerações compreender a evolução social e económico da ilha, numa análise comparativa de tempo e assim abrir horizontes, perspectivar e adoptar estratégias seguras para o desenvolvimento integrado e sustentável da ilha.

Da análise do nível de desenvolvimento da ilha do Maio, concluímos que ainda está longe do desejado das populações. Entretanto com o advento do turismo, e pelas potencialidades da ilha, perspectiva-se num futuro não longínquo um nível de desenvolvimento que vai de encontra às aspirações da população local.

Ainda que pouco expressiva, algumas bases já foram lançadas para o desenvolvimento da ilha, como são casos de porto aeroporto e algumas redes de estradas que vem sendo melhorada.

Ao longo desse trabalho ficou evidente que apostas de fundo devem ser tomadas nas áreas consideradas chave para o desenvolvimento integrado e sustentável a que todos almejam: -

- Investir no capital humano com a criação de escolas até ao 12º ano funcionando em estruturas adequadas, bem como escola de formação profissional;
- Criação de estruturas de saúde devidamente equipadas;
- Criação de postos de trabalho com a introdução de novas tecnologias de produção nos diferentes ramos da actividade económica;
- Dar maior atenção ao turismo com a criação de infra-estruturas básicas assegurando emprego aos jovens;
- Exploração de forma sustentável de todos os recursos naturais disponíveis;
- Maior dinamização da autarquia local na geminação com câmaras estrangeiras e estabelecimento de parcerias.

Bibliografia

AMARAL, I. (1964) – Santiago de Cabo Verde, A Terra e os Homens, Lisboa

AMBIENTE DE A a Z / ex 98

BENOT, Yves – o que é o desenvolvimento, Livraria Sá da Costa. Editora Lisboa.19980.

BRADFORD, M.G. e KENT, W.A. 1987) – Geografia Humana -Teoria e suas aplicações, Edições Gradativa – publicações Lda.

CARREIRA, A. – A ILHA DO MAIO, Alguns aspectos sociais e demográficos – SEPARATA DO Nº 18 DA REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS DEMOGRAFICOS

CARREIRA, António; A ilha do Maio demografia e problemas sociais e económicos – SEPARATA nº 19 Da Revista Do Centro De Estudos Demográficos.

CASTANHEIRA DENIZ, A. – Carta de Zonagem Agro-ecológica e da Vegetação de Cabo Verde, III – Ilha do Maio – LISBOA 1988.

CLARK, D. (1982) – Introdução á geografia Urbana. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil S.A.

INE, (2001) – Censo Geral da População e Habitação 2000, publicação do Instituto Nacional de Estatística, INE, Praia.

MOURAO, J. Manuel. – Desenvolvimento Sustentável do Turismo – princípios, fundamentos e práticas. Centro de Estudos de geografia e planeamento Regional – Faculdade de Ciências Sociais e Humana – U.N. L

PANA ESTRATÉGICO – 2000

Relatório do Desenvolvimento Humano-2003, objectivos de Desenvolvimento do Milénio-um pacto entre as nações para eliminar a pobreza.

RELATORIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2003 – Uma nova agenda para acelerar o desenvolvimento. Trinova editora, 2003.

REPÚBLICA DE CABO VERDE – As grandes opções do plano. Uma agenda estratégica.
Novembro de 2001.

SEITZ, Jean L; Questões globais uma introdução: perspectivas ecológicas

SERRALHEIRO, A. (1967) – “ A Geologia da ilha de Santiago, Cabo Verde”. Lisboa

TRICARD, Jean – Como aprender como ensinar o turismo

ANEXOS

Relação de Obras Realizadas nos últimos 10 anos

Zona	Realizações
Vila	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Remodelação do edifício do EBC para a instalação do Liceu; ✓ Construção de um complexo de duas salas de aulas e um refeitório para o EBI ✓ Construção de Centro de Formação Profissional; ✓ Construção de um complexo desportivo; ✓ Construção de um polivalente; ✓ Construção de uma praça; ✓ Construção de um parque infantil, ✓ Construção do Mercado Municipal; ✓ Instalação da rede de água nalgumas zonas; ✓ Instalação da dessalinizadora de água;
Morro	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Calçamento de ruas; ✓ Praça; ✓ Electrificação; ✓ Rede de água; ✓ Rede Telefónica; ✓ Placa desportiva; ✓ Jardim infantil; ✓ Diques.
Calheta	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Calçamento de ruas; ✓ Centro comunitário c/ multimédia; ✓ Mercado Municipal; ✓ Posto Sanitário; ✓ Complexo Escolar; ✓ Polivalente; ✓ Praça; ✓ Electrificação; ✓ Rede de água; ✓ Rede Telefónica; ✓ Centro de Telecomunicações; ✓ Jardim Infantil; ✓ Construção de Estrada
Morrinho	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Construção de estrada; ✓ Arruamento; ✓ Construção de uma sala de aula; ✓ Polivalente; ✓ USB; ✓ Electrificação; ✓ Rede telefónica; ✓ Rede de água; ✓ Jardim infantil; ✓ Centro Comunitário.

Cascabulho	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Jardim infantil; ✓ Arruamento; ✓ Estrada; ✓ Rede telefónica; ✓ Rede de água; ✓ Rede eléctrica; ✓ Micro - central eléctrica; ✓ Reservatório de água; ✓ Placa desportiva.
Pedro Vaz	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Arruamento; ✓ Rede eléctrica; ✓ Rede de água; ✓ Rede telefónica; ✓ Micro - central eléctrica; ✓ Troço de estrada que liga a Alcatraz; ✓ Reservatório de água; ✓ Diques; ✓ Jardim infantil; ✓ Placa desportiva; ✓ Uma sala de aula; ✓ Capela;
Praia Gonçalo	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Rede eléctrica; ✓ Rede de água; ✓ Rede telefónica, ✓ Diques; ✓ Micro central; ✓ Reservatório de água; ✓ Uma sala de aula;
Santo António	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Rede eléctrica; ✓ Rede de água; ✓ Rede telefónica; ✓ Diques; ✓ Reservatório de água;
Alcatraz	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Arruamento; ✓ Placa desportiva; ✓ Rede de água; ✓ Rede telefónica; ✓ Rede de energia; ✓ Micro central eléctrica; ✓ Capela; ✓ Reservatório; ✓ Diques; ✓ Jardim infantil;
Pilão Cão	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Arruamento; ✓ USB; ✓ Rede de água; ✓ Rede telefónico; ✓ Reservatório; ✓ 1 Sala de aula, ✓ Rede eléctrica;

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Jardim infantil.
Ribeira D. João	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Arruamento; ✓ Jardim infantil; ✓ Rede de água; ✓ Rede telefónico; ✓ Rede de energia; ✓ Reservatório de água; ✓ Diques; ✓ Estrada que liga a Figueira; ✓ Capela;
Figueira	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Arruamento; ✓ Polivalente; ✓ Centro comunitário com multimédia; ✓ USB; ✓ Rede de telefone; ✓ Rede eléctrica ✓ Rede de água; ✓ 1 Sala de aula; ✓ Jardim infantil; ✓ Reservatório de água; ✓ Diques;
Barreiro	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Construção de um complexo escolar (EBI); ✓ Centro Multimédia; ✓ Praça; ✓ Polivalente; ✓ Rede telefónica; ✓ Rede de energia eléctrica; ✓ Rede de água; ✓ USB; ✓ Diques; ✓ Reservatório de água; ✓ Troço de estrada que liga á estrada principal;



Vila do Porto Inglês



Porto do Maio e as salinas.



Produção de carvão



Monte Branco (matérias-primas para produção de cimento)



Transporte e ligações às outras ilhas



Zona de pastagem e a criação de gado



Cultivo de cana sacarina para produção de aguardente



Zona turística de Bela Vista

CAPÍTULO I – Enquadramento teórico – metodológico

CAPÍTULO II – A ilha do Maio – O quadro natural e a evolução social

CAPÍTULO III – As actividades económica e as perspectivas de desenvolvimento

CAPÍTULO IV – A integração do ambiente natural e do património cultural no processo de desenvolvimento

Índice de matérias

	Pag
Introdução	6
CAPÍTULO I	
1- Enquadramento teórico.....	8
2- Objectivos	10
3- Metodologia	11
3.1- Problemática de estudo	12
3.2- Hipótese	13
CAPÍTULO II	
A ILHA DO MAIO – O QUADRO NATURAL E A EVOLUÇÃO SOCIAL	
4- Quadro natural	14
4.1- Localização geográfica	14
4.1.1- Geomorfologia	16
4.1.2- Geologia	17
4.1.3- Clima	19
4.1.4- Biodiversidade	21
4.1.5- Paisagem	25
4.2- Povoamento, população e evolução social	27
4.2.1- Povoamento	27
4.2.2- População	28
4.2.3- Evolução social	33
CAPÍTULO III	
5- AS ACTIVIDADES ECONÓMICA E AS PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO	
5.1- Actividades económica	52
5.2- A integração da ilha nos planos de desenvolvimento nacional	59
5.3- A circulação interna e a ligação a outras ilhas	62

CAPÍTULO IV

A INTEGRAÇÃO DO AMBIENTE NATURAL E DO PATRIMONIO CULTURAL NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO NACIONAL

6- A integração do ambiente natural	68
6.1- As áreas protegidas da ilha do Maio	69
6.2- As manifestações culturais e sua integração no processo de desenvolvimento	70
6.3- O turismo emergente e a gestão de património natural e cultural	71
6.4- As linhas de força de um desenvolvimento integrado da ilha do Maio	73
 Conclusão	 76
Bibliografias	78
Anexos	80

Índice de figuras

	Pag
Fig.1 Mapa das ilhas de Cabo Verde.....	14
Fig.2 Mapa da ilha do Maio.....	15
Fig.3 Dunas espécies halófitas do Morrinho.....	21
Fig.4 Recursos marinhos (produção de sal).....	23
Fig.5 Pirâmide etária da população do Maio.....	31
Fig.6 Nível do conforto das famílias.....	51
Fig.7 Área coberta com gota-gota em 2004.....	54
Fig.8 Efectivos das espécies de gado por unidades de exploração.....	56

Índice de quadros

Pag

Quadro I Potencialidades e debilidades da ilha do Maio.....	12
Quadro II Zonas climáticas da ilha do Maio.....	19
Quadro III Situação actual da biodiversidade vegetal da ilha do Maio.....	22
Quadro IV Situação actual da biodiversidade da ilha do Maio.....	23
Quadro V População por zonas no ano de 1969.....	28
Quadro VI Distribuição da População no ano 2000.....	29
Quadro VII Evolução e projecção demográfica até ao ano 2025.....	32
Quadro VIII taxa de ligação domiciliária por zona.....	35
Quadro IX Meios de produção e distribuição de água.....	36
Quadro X Agregados familiares segundo a existência de casas de banho e retrete.....	39
Quadro XI Modo de evacuação de águas residuais.....	40
Quadro XII Nível de instrução.....	42
Quadro XIII População empregada e desempregada por sexo e sectores de actividade.....	47
Quadro XIV Sistema de exploração para os ruminantes.....	56
Quadro XV Redes de áreas protegidas da ilha do Maio.....	69

